

As Flores da Intenção

Victor Mota



Fique em silêncio...
não conteste...
não fale nada sobre as injustiças,
não se exponha,
não reaja
e talvez você viva em paz,
afinal não está incomodando ninguém.
Talvez apenas não consiga dormir
por causa dos gritos
que vêm de dentro da sua alma
clamando por justiça.

Elis Regina

Chego a casa. Um novo ritmo. Uma nova ralharia da minha mãe. Estou menos sentimental e mais místico, por isso não ligo. Mas magoa. Querem que seja um superhomem e eu sou apenas homem. É o que sei ser. Querem que tenha um belo emprego, uma bela casa, dinheiro, sucesso, mas não é senão a escrita que me faz feliz, ainda que pudesse ter essas coisas. Senti de novo solidão, fui buscar uma garrafa de vinho e ela deu por isso. Trata-me como se fosse um garoto, mas eu já estou na segunda metade da vida. Deu-me vontade de ir ao café, mas o mau ambiente que lá estivera nos últimos dias e semanas, fez-me ficar quieto, no atelier, sorvendo um cigarro. É tudo a funcionar mal, por mais boa-vontade e otimista que se tenha. O mais convincente é que eu não me sentia frustrado, nem sequer um cai cedo, o mito do homem bem sucedido tal e coisa, eu era de humanidades, tinha entregue uma tese em Filosofia e escrevera mais de oitenta obras. Para a minha idade, não era coisa de somenos. Apesar de tudo, parecia não chegar. Então, comecei a ver o mundo com outros olhos.

2.

Sim, podia não ter seguido o estudo, podia ter tido um emprego e daí um carro, uma miúda, amigos, mas não estou arrependido, para já sempre andei aos cacos pelas ruas, tentando recompor-me de merdas que via e lá fui escrevendo e estudando e agora não espero muito mais, ou seja, espero ainda tudo, mas não andará muito por volta do trabalho, que já não tenho saúde para ele. Aliás, além do mais, estou já reformado e passei a prova da psiquiatria e continuo inteiro, com a alma íntegra, embora confusa. Pouco a pouco, dado que era tão grande o alarido, comecei a perceber que talvez tivesse um problema de bebida.

3.

Não percebia como poderiam estar os locutores de rádio tão bem-dispostos. Eu, apetecia-me destruir tudo, sentia-me claramente frustrado, por mais motivos que tivesse na minha vida para o não estar. Mas. Como estava calejado, olhava a coisa pelo lado positivo e pensava assim: para a minha mãe eu era um bêbado, ela estava a envelhecer e escolhera-me para descarregar, fosse por não ter filhos, trabalho, mulher ou por outro motivo que não conseguia descortir. A minha avó tinha sido assim. Para ela eu era mau, um ladrão e mal-parido da pior espécie e isso talvez definisse face a ela algum tipo de distorção da realidade que ela tinha. Ainda tinha 50 anos. Podia começar a procurar trabalho de novo.

A vida é assim, Estamos sempre a ponto de morrer e continuamos vivos, vivendo. Ao menos, eu estava vivendo e não era como outros que passavam na vida a tentar ganhar dinheiro para sobreviver. Eu propusera à sociedade um sistema de pensamento assente nela, proveniente dela mesma. Que eu soubesse, nem os actores de Hollywood faziam isso. Depois, o meu pai não dava hipótese. Enquanto a emoção não me servia de nada, nem à cidade mais próxima podia ir. E a mãe dizia que se não tivesse casa em Lisboa, andaria nas ruas. Tinha de fazer algo e não ficar pendurado num passível e possível grau e umas tantas ou quantas obras...Mais uma vez, sózinho nisto tudo. Mas estava mais esperançoso do que em outros tempo e ainda com saúde, conseguia levantar-me cedo sem grandes fantasmas, mesmo que tivesse bebido dezoito cervejas no dia anterior.

5.

Os meus pais estão velhos. Não percebem que me quero, afinal de tanto trabalho, divertir um pouco. Eu faço-o em Lisboa, mas desajeitadamente e sem sentido, como que às cegas. O meu pai era tudo aquilo que eu não era, estava numa cidade onde ainda era visto como um tipo com certa iniciativa e rasgo, com inteligência e dotes vários. Porque lá havia quem estudava, sabia discutir um assunto, escrever, argumentar, colocar uma questão do ponto de vista teórico. Em Riachos não havia nada disso. Mas bom... talvez eu estivesse exagerando num cenário que talvez se devesse tão-somente ao COVID-19 e se viesse agravando, por um lado, sobretudo nos termos da cultura, desde há quase um ano para então.

6.

Puxa, escrevi mais de oitenta livros, quase concluí um doutoramento. Isso não é trabalho? Burros. É a cultura, estúpido! O mundo está cheio de pessoas que não prestam. E muitos me vão esquecer, até um dia em que serei lembrado, estando por aqui ou tendo já ido embora. Ninguém me retira jamais o prazer de ter feito bem aquilo que sabia fazer, sem grande intuito económico ou psicológico, apenas artístico. O velho agora estava obcecado com as luzes e a água. Não se podia gastar. Porque ele não confiava em quem ficasse depois dele neste mundo. Ou seja, Eu.

7.

O homem que lê e relê constantemente os mesmos livros e que escreve constantemente os mesmo livros, vezes sem conta, não se apercebendo como isso o faz viver. A vida corre-lhe mal. E ainda leva porrada, por cima. Depois, deixei-me de tretas e comecei a estudar sociologia. Para trás ficou a etologia e a sociobiologia.

Todos os velhos tornam-se ditadores porque ora lhes foge o chão ora pensam que não deixaram obra que chegue como se quisessem ser bem lembrados.

8.

Nesse tempo, André Ventura estava à frente do Chega e iriam realizar-se eleições presidenciais no final de mais um mês de confinamento. Eu votaria no Tino de Rans. Surpreendentemente, depois de ter estado com uma pessoa, estava mais calmo do que nos tempos, durante esses meses praticamente todos em confinamento. Agora teria de esperar mais algumas semanas para retomar a vida normal, tal como toda a gente. Pôr uma condição à ação prática é apenas adiar a realização do acto enquanto facto. Porque a grandiosidade da condição humana reside mais na aceitação dessa condição do que na revolta arrebatadora dos sentidos. Aí está o fim e o fundo da alma humana. Ventura havia sido, para bem e para mal, um dos personagens dos meus livros. Estranha e incómoda coincidência.

Isto das relações humanas, umas vezes, não tem ponto de fuga ou ponta por onde se lhe pegue. Está instalado um ambiente em Riachos bastante pesados, pessoas descontentes, que vociferam à minha presença. Tudo passa um pouco por mim e diria que tem a ver com instintos mal resolvidos por parte de muitos. Vou ao café Central e só me insultam, que eu penso que estou em minha casa logo quando sou mais espontâneo. As duas empregadas, uma gorda outra magra, não gostam de mim, assim que me atendem, sempre com má-vontade, põe-se a queixar com os mais estranhos do que eu que lá estão. Eu diria que é inveja numa pontinha de ódio. Devo deixar de entrar nesse espaço onde sou mal atendido, onde invento boa disposição e só recebo vitupério. São os donos que lhes enchem a cabeça de mim, decerto. Ou então não, é tudo culpa do Vírus as pessoas andarem mal-dispostas. Inveja, muita inveja e raiva de eu, afinal, depois de tanto tempo de sofrimento, conseguir dar a volta e ainda por cima andar bem-disposto. LOL

Depois há o café de cima, onde o Descabelado e o Iriçado se juntam para destilar as suas ideias peregrinas. Danny não aparece nem num nem noutro. Parece que vez da sua habitação um convento onde só está ele as meninas que leva pra lá, dá ideia que pega no carro e vira logo para Pombais, onde se diz é popular, coisa que quase disisti de ser. O Colinas, esse, tanta coisa, e nem aparece, nem o Tubo. Eu apareço, apesar de tudo, quando talvez fosse, a meu jeito, o último que lá deveria pôr nos pés. Com a substancialidade e abundância da minha obra, já deveria estar num lugar ermo bastante longe. Mas não, vou-me deixando estar por aqui, pelo menos até regressar a Lisboa onde tenho mais possibilidades de falar com alguém da minha estirpe e preparação.

Se fosse uma alma juciosa, judicial, se tivesse um grau em Direito e fosse Advogado ou Juíz, decerto que tinha muita gente a perseguir-me, em ambos os lugares onde vivo. Podia ter. Mas não tinha, conseguia resolver as coisas na minha cabeça de modo até não restarem culpados. Mas isso enervava-me e nervava muita gente, habituados a discutir ora por coisas etéreas como um peido ou algo mais de encher-chouriço.

Isto estava assim, as pessoas lutavam ainda pelos recursos básicos e isto é muito o retrato do país: violência nas relações e busca dos bens alimentares e necessidades básicas. Eu não propunha nada disso, com a minha filosofia, por isso não fazia parte senão no topo da hierarquia social, em certo sentido. Uma vistoria às principais cadeias de TV demonstrava isso mesmo. Um canal comercial nacional, o três, dava em horário nobre quatro, disse, quatro, telenovelas, desde o fim do Jornal de Notícias até á meia-noite. Era uma verborreia que não dava para tirar conclusão alguma. E eu queria alterar isto? Não! Se a maioria das pessoas é estúpida, tem medo ao sofrimento mesmo que este as faça crescer, ódio ao pensar e à sabedoria, deixá-las ser assim. Eu é que vou mudar isso? Face a muita gente, sem trabalho, estava bem. Muito bem, até. LOL

II.

Por vezes, as pessoas sofrem tanto que não toleram mais a verdade, que aparece como uma ferida aberta e lhes faz sentir mortais. Por isso, enchem-se de ilusões e vivem a vida como se fosse um filme, uma história de cinema. Por isso Hollywood tem tanto sucesso por todo o mundo. É uma fábrica de ilusões, na grande parte pessoas que não suportam a contrariedade e o quotidiano banal que desaponta, faz esperar, faz sofrer. Fosse como fosse, eu tinha dado um avanço bastante grande em termos de conhecimento na opinião pública, representação social e isso trazia de arrasto muitos mais inimigos e contrariedades do que se tivesse ficado no mesmo lugar, desde que decidi arrancar com uma série de escritos e as teses.

Eu tinha trabalhado num jornal de nome O Eco. E agora todas estas coisas faziam eco em mim, na minha cabeça. A maior parte eram zombies, isso é verdade, como dissera uma actriz e ainda insultavam quem as podia ajudar. Que fazer, nesse caso, enquanto antropólogo, enquanto sociólogo, enquanto filósofo? Não intervir. Muitos estavam enredados em teorias infundas na academia, demasiado bêbados para fazerem alguma coisa pelo seu semelhante que sofria. Bem visto, porque ele ainda lhes podia dar uma mordidela.

Também eu sentia raiva nesses dias. Não ter dinheiro para fazer aprovar a tese, a falta de leitores que seria o melhor encorajamento para continuar a produzir, faziam-me debitar palavras desordenadamente e por vezes sem jeito nem sentido, como se fora uma descarga psíquica terapêutica...

Depois, pensei em termos práticos: eram gajas que eu em tempos desejara e elas alimentaram esperanças em relação a mim e como se lhes tivesse dado demasiada confiança, ficaram irritadas por eu brincar com elas e, de certo modo, as tivesse rejeitado. Era aquele tipo de mulheres que precisavam de uma zanga para fazer amor, de tão frustradas que eram. Depois, o complô, sempre fora mal-tratado naquele café e no outro lá de cima. Inveja, nada mais do que inveja.

Por outro lado, pensei: se o Tempo é relativo, não é o mais importante da vida. Ele é relativo a qualquer coisa, objecto, situação, mera relação e também o é porque não é infinito, portanto, o Tempo é uma ficção, não existe verdadeiramente, ele é marcado e referenciado sempre a qualquer coisa, ideia, sentimento, por isso não tem valor absoluto, de certa maneira, acima da ideia de Deus (Deuzzz).

13.

Sim, eu estava ainda ansioso. Tinha 50 anos, muita coisa feita e apesar de tudo com, ânsias de fazer muito mais. Queria estar em Lisboa, no meio de uma actividade fervilhante, mas, nem que fosse por estar em confinamento, tinha de aguentar, ali, no fim do mundo e no fundo (moral) daquela aldeia que a mim me parecia todo o mundo.

Sofrera seis internamentos e isso marcava o meu pensamento, por isso não era fácil trabalhar no que quer que fosse, só a ideia de me levantar todos os dias, estar num lugar oito horas, me apavorava, por isso continei a alimentar em jogar no Instituto, nem que fosse online apenas, pelo menos enquanto não tivesse fundos para um espaço físico. Comecei a perceber que, se não fosse demasiado ambicioso, poderia conseguir alguma coisa...

Tinham passado catorze anos depois da minha última corrida, na Mendiga. Voltaria a correr? Continuava a teimar nos livros, nas flores de sentido, quando nem os meus nem os meus conhecidos sentiam qualquer simpatia por livros. Tomaram muitos ter um filho como eu, que sempre manteve, mesmo nas piores condições, sociais, mentais, sentimentais, um fio de originalidade e proficuidade. Mas eu não queria substituir os meus pais. Trabalho? Haveria de chegar. Dinheiro também. O amor também. Deitava-me no arvoredo nublado da noite e vivia a tensão por descanso da mente, meditação, proliferação de ideias, boas e más, em vez de dar um tampão, uma tampa, a elas, que poderia sobrevir em termos de atração mais tarde. Tinha uma saúde de espírito absolutamente fabulosa. E, por ter ido às meninas, o porno havia-se eclipsado. LOL

O primeiro dia de confinamento. Estou no quentinho da cama quietinho e ao mesmo tempo inquieto, com a morte na alma. Logo pela manhã. A ideia persiste do dia: escrevi mais de oitenta livros. O esquecimento continua e eu procuro, mais do que sobreviver, arranjar motivos para viver feliz. Sim, estava sendo esquecido. Maltratado somente no café Central, onde duas tipas atendia mal porque me tinham gana, como aliás os patrões. Naquela sexta-feira, dia 2 do confinamento, queria ir ter com alguns amigos ver o jogo, mas com receio de que me ia enervar ainda mais, tentei ficar por casa, nem fui ver se estava aberto. Mesmo com aquilo que me tinha acontecido e pelo destratamento de certas pessoas, eu tinha como que um positivismo inato que me permitia, a um lance, ver a vida passada e a futura, as coisas boas que havia vivido e aquelas que poderia ainda vir a viver. Era português, onde é fácil passar da extrema alegria, felicidade e deslumbramento, ao pior pessimismo existente sob a face da terra.

Se estou só. Claro que sim, fisicamente. Há gente que não gosta de mim, mas também há quem goste. Se não me querem? Aqui há tempos era o paladino pensador da sociedade, todas me queriam e isso aconteceu em vários momentos da minha vida, jovem e menos jovem. Ainda estarei aqui, passados anos, sem carro, andando no comboio até Lisboa, que mais admiro porque em Riachos nada de especial se passa. Quando estás lá em cima é quando ouves as maiores críticas, seja por inveja intrínseca maldosa seja por inveja da tua representação social. Nos dias de hoje, as relações não mais assentes na forma do que no conteúdo, ou seja, importa mais ter bem e frequentar certos círculos do que saber da vida, enfim, interessa mais lutar para sobreviver do que viver na realidade. Não me confundo no quente do momento de uma discussão com a mãe e com a irmã, que só põem abaixo, enfim, mulheres. A meu ver, eu podia ter ficado em Lisboa, mas até estou um bocado doente, depressivo, e não tenho ninguém com quem falar disso, talvez até precisasse de um médico e deixo-me andar. Sou um alvo fácil porque não sou intelectual institucionalizado, isso é convite à ofensa e ao ódio de todos a que tenho sido sujeito desde que fiz a tese e comecei a escrever mais a sério. Agora, para ganhar dinheiro? Eu, logo o pensionista. Não te preocupes, chegaste onde pouco gente chegou ainda que dotado de poucos meios e ninguém te perdoa isso, ninguém te perdoa o que julgam ser uma ofensa moral pensar mais e melhor do que eles, os outros. A tua irmã pensa assim. A tua mãe, é diferente, para ela eu não devia ter nascido, pensa que estou por Riachos para a chatear, quando efectivamente a ajudo e lhe faço companhia. O caso é como o do Vítor, só que em bom, tem todos os ingredientes de uma tragicomédia. Quer dizer, depois de ter estado este tempo reformado, acabei por começar a escrever (quando sempre o fiz, de uma maneira ou de outra) mais a sério e no meio das betoneiras e dos martelos, estava calmo, passo a tempestade da elaboração da tese e entrego-a efectivamente para discussão, tenho agora de mexer comigo ao ponto de voltar a trabalhar? Vamos a ver o que vou fazer, mas se fosse outro arranjava maneira de fazer

dinheiro fácil, droga, por exemplo, pessoas sujas e corruptas, esquemas que essa gente que me critica tem ou tolera. A saloice parola de muito é ter um carro que é como que o terceiro colhão, para andarem sempre de um lado para o outro. E eu desmonto a lógica destes tipos facilmente. Eu gasto, digamos, cinco euros por dia, eles gastam muito mais, poluem o ambiente, ganham por um lado, gastam por outro, são os chamados consumidores, para ir ao trabalho gastam gasolina, gastam dinheiro para tudo e mais algum coisa, aquele que ganham e o que não ganham. Também eu queria ter um carrinho, não sou aleijado. E namorada também. Mas não se tem proporcionado, sobretudo desde que a minha irmã sugeriu que me transformasse em pensionista reformado e o meu pai desistiu de mim e, vamos a ver, também a minha mãe, há um par de anos. Daí a poder ter um trabalho efetivo vai uma longa distância. Se sou conhecido? Sou-o, por boas e más razões, mas ao menos não condiciono o meu comportamento ao que pensam os outros...

Chego a compreender as pessoas que se vão embora de cá devido à maneira de ser as pessoas. "Judiciosos", disse Madona. Ilhéus continentais, como alguém disse um dia. Com isso está tudo dito. O ciclo vicioso do consumo dos meninos. Depois andam frustrados, consomem consoem e nunca se satisfazem realmente. Porque não conhecem o desapego e o abandono, a reflexão e a vida feita de coisas simples de quem pensa pela própria cabeça. Esta geração não será recordada daqui a cem anos mas eu julgo que o serei. Mesmo que não o seja, que meus escritos não prevaleçam, que seja eliminados, queimados, fiz muita coisa e soube viver, mesmo no meio da provação e do desprezo por parte dos outros.

18.

Pensei em procurar uma pessoa, amiga, que me pudesse ouvir e entender o que sentia nesses tempos. Mas resolvi esperar um pouco, pelo menos até final do confinamento, de modo a procurar alguém a quem confiar os meus sentimentos. Afinal, tendo investido numa carreira e literária, teve o seu preço: falta de afeto, falta de bens materiais, desconsideramento e esquecimento por parte da sociedade. Fumei, nessa noite, enquanto não me deitava, o último cigarro do dia e dormi sobre o assunto, pensando que as críticas, não só em psicologia social mas também no senso comum, escondem muita inveja e frustração, por detrás do seu desprezo evidente pelo Outro.

Tomei para mim mesmo a resolução de voltar a correr quando viesse o calor do verão, depois de ver Romeu passar por mim na minha volta higiénica, numa das ladeiras de Riachos. Talvez devesse já estar em Lisboa, mas retinha-me devido ao confinamento e adia uma ida a novas perspetivas de vida e quotidiano. Por vezes precisamos de uma opinião do Outro. Eu não tinha essa opinião, daí a dupla personalidade. Com o meu pai vai ser até ao fim, como o pai de Manu. Eu descanso na cama e repouso as ideias que pululam.

Ao ver um programa de TV de talentos musicais, fiquei preso nos locais de ensino superior que nunca me chamaram para nada. Tinha uma opinião formada sobre o assunto, coisas por que passei, colegas que passaram à minha frente, discriminações várias. Mas isso é passado e o passado passa, aprende-se com ele fazendo-o passar.

Uma sensação de vazio, da aldeia (quase) vazia, ao mesmo tempo que me dizem que carrego o peso de tudo. Já nas faculdades por onde andei era assim, a no final de contas nem lugar de professor, enquanto outros, a maioria, se divertia. É por estas e por outras. Safados oportunistas, fodilhões e panascas disfarçados. Quando tudo parece certo (ou errado) na TV. Por muito menos muitos teriam já ido embora ou ficado para fazer estrilho e moossa. Eu, deixo-me andar, à espera que algo aconteça, sem grandes avarias, apanhando uma ou outra boa, um ou outro sinal de indiferença e desprezo, pois tenho já sinais de enfarte.

A minha vida era um diálogo de surdos. Falava com a minha mãe e estava em confinamento em Lisboa. Desistira de chamar a atenção a quem quer que fosse, uns eram maus, outros estavam já loucos nas suas idiossincrasias radiofónicas ou megalíticas. Eu pertencia grupo dos poucos (cidadãos) que faziam filosofia fora do ambiente universitário, nesses tempos, em Portugal. Mas isso gerava muita solidão e daí um sentimento de frustração e abandono contra o qual eu procurava lutar, sendo mais positivo. Isso não impedia que fosse sendo esquecido. E não lutava especialmente, mesmo com desonestidade, para modificar esses termos daquela época. Talvez devesse fazê-lo, ainda que só nesta demanda. Pensava nos autores que eram meus competidores nesta corrida: Goucha Tovar, Luís Quinaz, Danny, uns podiam ter sido amigos de longa data, não eram nem sequer amigos. Talvez não fossem sequer inimigos, antes de me deitar para uma sesta. A meu ver, era bem melhor do que eles. Mas...nenhum reconhecido, mesmo com a tese, investindo quase todos os dias em deitar alguma coisa ao papel, literária ou científica. Filosófica.

"Ainda vais a tempo de casar" -disse-me ela. Engraçado como não fiquei pensando no assunto. Sim, talvez precisasse de casar, até mais do que trabalho. Depois, para não dizerem que nada fazia, decidi investir a sério nas explicações. Sim, decidi continuar qualquer coisa, as minhas investigações filo-lógicas e filosóficas, decerto que sabia que não havia deixado de escrever e os cadernos, uns seis ou sete, dos últimos, sabia, continham ouro em forma de palavras.

Mais uma noite de caixão à cova, com o espírito parado, quebrado. Ainda assim, a mãe critica-me e o pai ignora-me. Isto deve uma experiência dos ET's ou Deus brincando comigo, troçando da minha finitude e forças. Mas eu sou mais resistente e estou habituado a esse tipo de dor, de ardor, de deslocamento e descentramento da consciência. Só quem nunca se interrogou é que nunca passou o que estou a passar. E a mão sempre a chatear "vai trabalhar!" e eu sem trabalho à vista, deprimido por estar dez dias na casa de Lisboa, pois quem trabalha ganha o seu sustento, agradeço que não me chateie por fazer literatura, ciência e filosofia, que não ganho dinheiro com isso mas ganho prestígio e é isso, para além da coisa em si, que me interessa para continuar. Entre não poder e não querer trabalhar, está a questão, eu resolvi trabalhar na escrita e creio que fui bem sucedido. Porque então teria nessa altura de trabalhar?

Trabalhar em quê? Voltar para trás nas minhas investigações? Mas não, o meu pai andava danado, talvez desejando que eu tivesse prestígio social, só que eu o tinha, só que de outra ordem daquela que ele queria, na terra, onde quer que fosse. Estava mais ou menos descansado quanto a essa questão, mas ainda me incomodava. Quem trabalhava dizia que eu não trabalhava porque não conseguia ferir de outra forma e sentia certa inveja de eu dominar as ciências sociais, a filosofia, a literatura. Inveja.

Nisto tudo, ainda pensava em Magdalena. De como a deixei escapar. De como ela me passou a aignorar todos este anos, dos meus oitenta livros, da minha tese, da minha Antropologia Filosófica, dos meus e dos teus, dos nossos. Do meu pai e da minha mãe, se partiria, mais cedo ou mais tarde, da pequenita sempre rabugenta, como a mãe, do cunhado, quase sempre cruel e sincero, como uma banana que a africana come. Pensava nisto tudo. Como deveria trabalhar se estava no fim de uma coisa e no princípio de outra completamente diferente? Ou não.

Comecei, nesses dias, a estudar a Cabala. Muitos se interrogam porque não trabalhava nessa altura, desde os 35 anos. Talvez porque não tivesse cunhas, conhecimentos e tenha decidido optar pela literatura, ainda que mal financeiramente. Isto não é uma defesa. Talvez seja dos poucos que acreditam no trabalho intelectual. Às tantas, mesmo enquanto antropólogo, tenha feito um trabalho não remunerado, voluntarioso e nada tenha ganho financeira e sentimentalmente por isso. É difícil fazer bem duas coisas ao mesmo tempo. E eu escolhi a escrito e acho que o fiz bem. Passei muito para aqui chegar e não vou desistir facilmente, talvez apenas por saturação e cansaço. Acho engraçado tipos que não são das ciências sociais e humanas, como engenheiros, a fazer poesia (a "alavancar"), como se a filosofia não obrigasse a um esforço, a um currículo, a um labor...

Não havia quem me facilitasse a vida. Mesmo depois de ter entregue a tese, havia quem me criticasse, sem nenhuma forma de alento ou consolação. Os meus pais eram os primeiros. E eu tirei o pé do acelerador, parecendo que alguém me tirava o caminho de debaixo dos pés. Depois, continuei o caminho, ainda que confiando em casa. Se tivesse um carro, facilmente ia até à praia sentir um pouco de paz, falar com um estranho ou uma estranha, viver uma aventura qualquer. Mas nem isso tinha. Na verdade, o que tinha era somente a possibilidade de arranjar motivos para continuar este livro...

Em Portugal facilmente se faz bullying, instala-se a ditadura do popular popularucho e quem fica de fora desse âmbito formal de discurso e comportamento, por excesso ou defeito, aí pode permanecer muito tempo sem que alguém faça alguma coisa. É o que chamava há tempos de pensamento conspirativo como vingança pela infelicidade, inveja, falta de jeito ou pretensão de ser melhor do que o Outro, por isso o comportamento liberal nem sempre é louvado nestas terras. Há quem dê satisfações a todos e depois tenha um comportamento errático. Eu era um pouco assim. Nunca gostei muito de grupos nem fui em grandes entusiasmos desalmados. Sim, e ra este o país do oito e do oitenta. Mas, as coisas que eu fazia apenas se cimentariam com o tempo. Por isso eu, mais ou menos desesperadamente, dava tempo ao tempo.

Fiquei pensando nos livros de juventude, melhor, adolescência, dados pelo meu tio marinheiro: "O Desconhecido do Cais", "Sob Suspeita", "A Viagem de Edgar", "Premeditação"...

Ao final da tarde lembrava isso, por instantes, esses livros que me moldaram, que fizeram a minha adolescência e juventude e estava um pouco triste por ainda não ter ninguém, quando via muito fingimento para mostrar alegria da tv quando essa alegria não era em nada comparável àquela que sentia mesmo não tendo as coisas que muita gente tinha e assim, transformava o desespero, a "angst", em evolução, recriação e progresso. Além do mais, como deve uma vida ser vivida? O que é ser-se feliz? E quem determina isso? Vem do interior? Eu ocupava-me destas questões de um modo mais ou menos filosófico, enquanto outros apenas viviam...

Liguei-lhe. Ela era mais uma de muitas que havia passado de raspão no meu ser. "Olha, liga mais tarde que tenho aqui uma coisa ao lume". Mais uma que se foi. Fazia agora uns dias que fora a uma menina, ao fim de um ano sem estar ninguém. E eu esperava, esperava e desesperava. Não insistia, porque de certa forma estava já bastante descoroado. Dera nessa tarde uma volta à aldeia, depois de ter discutido com a minha mãe. O meu pai chegava e nada dizia. Deixou um talão do Multibanco e vi o saldo, por acaso. Bastante mais do que algum diria teria no meu poder. Ou não, desde que continuasse a portar-me bem. Podia ser que aparecesse algum, cá ou lá, e eu procurava criar asas na leitura, na especulação e na escrita, criando uma nova forma de ver a vida e suas contingências.

Ecoavam em as miúdas do ISCTE, que eu podia ter tido e não tive porque se calhar fui tosco e parvo e não soube fazer a coisa ou então sabia muito bem o que fazia, porque tendo chegado aqui talvez algum amor me possa resgatar, é essa a esperança que me alimenta, mais do que o amor no Criador...

Compreendia agora, por mór da filosofia, o sofrimento angustiado da profossora da Filosofia do 12º ano e da colega de Filosofia em Leireda. A Filosofia dá consolação, mas a angústia que nos obedece no prato é qualquer coisa de indizível, porque único no seu conteúdo desesperante...

Dava-me conta de um paradoxo, nesses dias, continuava a escrever, como por exemplo esta obra e já iniciara um processo de divulgação da minha obra, o que implicaria uma paragem, nem que fosse para descanso, da minha atividade literária. Enfim, a terceira vaga da pandemia, a mais dura, até para mim, que não tinha grandes compromissos. Ou tinha, mais do que os outros.

A infelicidade vertiginosa do filósofo provém essencialmente do facto de que ele toma as coisas e as ideias da vida como perenes e, verifica, nada neste mundo é perene, ou seja, ele está sempre hesitando entre o definitivo e o temporário, contingente, o banal e acha ora que as paixões são banais, dispensando-as, como acha que são especiais, pensando e querendo fazer sexo a todo o momento. De resto, há dois tipos de filósofos, dois tipos de intelectuais: aqueles que embarcam com tudo e todos e é uma maravilha e aqueles que estão contra, talvez por quererem construir alguma coisa e no fundo gostarem mais das pessoas, ao ponto de lhes quererem dar mais, no fundo. Eu, pessoalmente, naquele tempo, era um misto dos dois, mas passei bastantes momentos angustiados e de desistir de certas ordens de pensamento, de certas lógicas especulativas, só para poder sobreviver face e no mundo...

Depois, pensei para mim mesmo: "Não penses mais em redemoínho. Estás vivendo. Não podes deixar de estar vivendo.!" Não, o que eu procurava não era (ser dono da) a verdade, o sucesso, mas a felicidade. E, graças a um certo método, conseguia ser feliz, fiel a mim mesmo. Estranha forma de ser feliz, podeis perguntar, sem carro, emprego, mulher. Sim, estranha forma. E sentia que era subvalorizado, mas continuava por ali, que remédio não tinha dinheiro, senão casava-me e afogaria as minhas mágoas e frustrações no amor de uma mulher!... A sobrevivência, tal como a felicidade e o encantamento, é resultado de um constante adestramento da realidade, de uma relação entre o Ego e a realidade que evolue no espaço diante do olhar, sendo que os Outros são maioritária parte dessa realidade.

A felicidade reside, assim, não num estado permanente de gozo extático dos elementos, mas na relação contrastante entre a sua preparação e a sua eclosão, ou seja, o segredo, como na sexualidade, reside nos preliminares, na época em que o Ser está mais expectante, atendo, volitivo, surpreso. É, assim, como ocidental, que rebato quase todas as teorias de um Osho ou de certos mestres orientais, nomeadamente hindus. O que não quer dizer que não os admire e que não me inspire neles. Ao mesmo tempo, os meus irmãos alimentava o meu sonho de ser um autor bem sucedido e respeitado, au-delá de um trabalho que nunca mais chegava.

Desde que começou a pandemia que não se vê nenhum cientista social na TV. É triste. Pois não vou eu à TV, porque me sinto só na batalha e não tenho apoio institucional algum.

Enfim. Desistia ou faria disto, da minha luta intelectual, uma história sem fim, tantos os cantos que ilumina, tantas as teias de aranha que quebra. Vretorno ao meu leito e prometo a mim mesmo não fazer grandes ondas, vencer através do tempo para vingar o tempo.

Até que decidi acabar estas "Flores da Intenção" e concentrar-me de uma vez por todas na aprovação da tese, ainda que houvesse uma hipótese sem dinheiro e continuar os artigos científicos, tinha sete e outros sete iniciados, melhor, intitulados. Manu queria que eu mudasse de área, mas eu não me despregava da cruz da filosofia, para bem de mim e dos que me rodeavam. Borges voltou a aparecer no café enquanto esquecia Danny. E que seria feito do Colinas, depois de Sastre ter falecido de cancro na pele?

A minha doença era algo benéfica, o pensar não descolava, não voava, como em muitos outros, fixava-se em concretudes estranhas, esquisitas, bizarras. E isso dava-me vantagens. Não esquecer, eu era antropólogo, acho que sempre o seria. Daí a minha curiosidade pela filosofia e as coisas do pensar. Havia uma diferença entre transcendência, que sempre se atualizava e concretude, concretudinis, que era nada mais nada menos do que a matéria mais ou menos agradável, mais ou menos desagradável, do mundo. Aí, o espírito filosófico, ditatorial, pouco flexível e adaptativo, próprio da filosofia, embatia com o mundo que por vezes era um cagalhoto de cão num canto da rua por onde passávamos, ou mesmo no centro, espalmado pelas pisadas de gente incauta e pouco própria, e aí o pensamento inquisitivo e especulativo, que os incluía, desguiava-se e perdia o seu brilho, fulgor, arremesso.

Para mim, no meio da tragédia do COVID-19, podia ser até uma janela de oportunidade, podia ter a minha tese defendida e escreveria mais alguns artigos científicos, iria a um concurso e podia finalmente das as minhas aulas, nunca se sabe a boa sorte que me podia calhar, ele há males que calham em bem, ou seja, não por questão de insensibilidade, mas há males que vêm por bem e, ironicamente, o mal de uns é o bem de outros.

Ser professor universitário (quase) sempre fora o meu objetivo, enquanto não dava Filosofia no ensino secundário, sabia que merecia um lugar, ao final de tantos anos de luta e continuaria a lutar nos meus livros, por esta ou aquela razão, tinha feito um percurso sinuoso, doloroso e difícil, que estava prenhe de ser transmitido, ao mesmo tempo que divulgava os meus livros. É claro que não tinha o mestrado em Filosofia, mas tinha a frequência e a licenciatura pré-Bolonha em Antropologia praticamente que me dava o mestrado e, mais, as frequências de vários doutoramentos. Sabia que bastava pagar de pagar as propinas para arrumar a questão. Deixava-me ir, no ar, levantando deste vez vôo, na vaga dos pensamentos mais ou menos voláteis...

Ou então não, largava tudo e continuava os meus livros, à minha maneira, sem grandes diretivas, dando umas explicações, ainda era novo, tinha 50 anos, podia ser que tivesse sorte por não desejar tanta coisa que sabia ser merecida, sem guarnecer a espalda. De modo que comecei a dar explicações e entrever o ensejo de dar aulas para pagar a discussão da tese. Ainda era tempo. Não és tu que dizes que tudo sem solução, mesmo aqueles problemas cheios de furos como uma queijo suíço, como uma câmara de ar rôta de uma bicicleta?

Depois, tinha saudades de Leireda e Montari, dos tempos de seminarista. A vida era tão simples e pura. Depois, perdi-me nas mulheres e nas imagens acerca delas e fui andando desmiolado até reencontrar de novo Cristo no fim do caminho, que me perdoou, como o meu pai, os meus desvios da fé e do caminho certo. Fosse qual fosse o meu caminho, com ou sem Zizek, eu cumpri esse caminho e ainda estava apto para o continuar, no meio da chuva ou na torreira do calor do deserto, onde a desejava água me sabia bem melhor, como um vinho na eucaristia que nunca provei. Com isto, fui dar uma volta ao centro da aldeia.

No êxito, tudo o que é apoiado nos outros, não é verdadeiro êxito. Por isso precisamos de ter fé em nós, nos outros que a mercem, em Deus, que no fundo representa todos os outros e nós mesmo num certo embrulho de Natal.

E a mão diz, a meio da tarde, como costuma dizer sobre mim: "É uma miséria". Eu engulo em seco e aguento-me. Ninguém me ajuda, ninguém vai de encontro ao que penso e sinto. Talvez alguns estejam melhor. Talvez outros estejam pior. Lembro-me de aguentar sem dormir a seste até me deitar e lembro-me da gap entre o deitar e o adormecer, aquele momento em que os problemas quebram, como quebra Woody Allen algures, e nos entregamos ao reino dos sonhos, talvez aquele que apenas faz sentido, entre a vigília e a ausência de vida...

O maior problema da filosofia, nomeadamente da clássica, é tomar as coisas por definitivo, tomar por perene o que é banal. É a maior rasteira, de que poucos percebem o ardil. Nestes termos, não sabia com que objectivo fizera a tese, se para provar que não tinha perturbação psíquica alguma, se para mostrar que seria superinteligente. Creio que se o não tivesse feito, tais questões pôr-se-iam na mesma. "Uma miséria" -diria a minha mãe. LOL

E a canção dos Black Eyed Peas dizia: "Where is the Love?", como a do Clemente podia dizer "O amor está no ar". Não estava, mas eu continuava a acreditar, tanto quanto tinha já pelas cinco da tarde, o lume aceso do meu estúdio...

Não, eu não queria provar nada, não queria convencer os outros, talvez por isso tivesse mais talento para escritor do que professor universitário. Mas, uma coisa podia levar a outra. Tinha era falta de amigo e percebi que Manu já não era o mesmo e não podia ser meu grande amigo, porque estava, talvez, num registo distinto do meu. Aliás, eu deixei de esperar que surgissem coisas onde elas não poderiam nunca surgir, ou seja, alimentar esperanças de me relacionar com certas pessoas que nada me dizia e o meu espírito expandia-se, mesmo assim, sendo mais aceitante do que exclusivista, através dos dias e das noites, através das críticas e negações da pequena, para a qual era preciso alguma paciência para lhe inculcar algumas ideias. Sim, lembrava-me do Daniel Pinheiro, do ISCTE, das aulas de Africanismo à noite, com Magda e Justina e do facto de me não ter entregue senão terminado o curso, uma situação um pouco com a de agora, como uma barragem que aguenta a água enquanto na a solta formando um mar de sabedoria.

Custava continuar este relato. Estava in-feliz, porque o amor que procurava não conseguia encontrar, senão o amor filial face aos meus. Procurava sempre fazer alguma coisa, arranjar um pretexto para continuar, ainda que a noite caísse. Mas, estava bastante experiente e conseguia retirar mais prazer de cada momento e uma das minhas missões era zelar para que a minha mãe se fosse sentindo melhor, feliz, pelo menos enquanto estivesse perto dela. Tocava um antigo hit dos anos 90, do Mr. Scatman, "Someday".

Se fosse forçar, pior seria. Então resolvi, optei, por ser menos chato, pesado e levar as coisas espontaneamente e conhecia uma amizade bastante "feliz" com a minha sobrinha, enquanto o rapaz crescia a olhos vistos, um misto de cowboy e ninja, que ia às compras enquanto os pais ficavam em casa retidos pela pandemia.

"Eu quero sempre mais e mais, nunca desisto", disse-lhe. E ela: "Isso a mim não me interessa". Puxa, mulher burra e limitada, que só percebia de perfumes. Enquanto eu dava valor às letras e à cultura, quase sem conviver pessoalmente com alguém ilustrado, muitos davam mais valor a um tijolo ou a uma parede suja por esboçar. O tempo passava ora depressa, ora devagar, conforme o que estivesse fazendo e eu quase desmaiava de agonia...

O mundo estava cheio de pessoas como o meu pai, que não sabia fazer dialogar na sua mente um conjunto de ideias que não fossem práticas, não sabendo escrevê-las no papel, descrevê-las, conjugá-las. A filosofia era para todos e a minha fama e responsabilidade advinha de eu fazer parte da pequena centena daquele país que conseguia fazer tudo isso sem descurar a componente prática da vida e do quotidiana. Saturado da ausência enervante do meu pai, deixei respirar esta obra, enquanto fumava um cigarro mais. "Chupa!" Na terra, ninguém falava com ninguém. As pessoas pareciam-me ter medo, medo da morte, seria? Ou era um manto temporal que baixara sobre a aldeia e as suas vizinhas similares, São Simão de Alitém e Santiago do Alitém? O café Alcamen estava fechado havia tempo, eu ainda consegui comprar tabaco, uma garrafa de água, umas pastilhas para a pequena. O velhote estava cansado e deitava-se no sofá a ver O Preço Exato, um programa de entretenimento. Tivera nesse dia de Sábado desaguizado com a minha mãe, mais um, desejei estar em Lisboa, onde ninguém (?) me chateava, mas pensei que dali a dois dias o meu corpo já não estaria ali, em Riachos, fazendo mais ou menos filosofias, mais ou menos antropologias... Não, não era inteiramente minha culpa não ter sido bem sucedido em várias frentes, afinal, tinha andado grande parte do tempo sózinho e muita coisa terei conseguido só...

Sim, era um autor famosíssimamente esquecido, conhecido no seio do meu país e arredores, talvez mais na América do que por aqui. Então? Que me faltava? Muito havia conseguido, aparentemente, nada me faltava. Mas alguma coisa mais poderia conseguir. E parei de falar de mim mesmo. E, parei de dar tanta importância à sobrinha. E aos meus pais. Abusavam de mim. Sabiam que não tinha trabalho nem vida independente e abusavam. Bem, depende do conceito de independência...LOL O convívio de dois seres juntos face à sociedade parecia-me uma conspiração de não abarcar o mundo de peito aberto...Qual o critério? LOL

Depois, fiquei pensando do meu pai "é um homem, nada mais do que um homem" e da minha mãe o mesmo, a partir do modo como ela o venerava e me humilhava, a todo o momento. Se seria mais homem do que ele? Modelos de masculinidade, para o meu cunhado era fácil ensaboar-lhe os pés, abrilhantar-lhe as botas, porque era esse o seu interesse. A minha irmã continuava a não se preocupar comigo como noutros tempos e eu achava isso até normal, em certa medida. O meu irmão, não estando longe, estava suficientemente afastado da minha vida. E eu, sem trabalho, continuava a pedir-lhes dinheiro e ia ficando, em vez de longe, ali perto, coisa de que me acusava a minha irmã, de querer ir para longe. Mesmo o meu pai não me ajudava porque me queria perto, no seu redil. Mas eu não iria concretizar sonhos nenhum que não fosse o meu, talvez ficasse numa terra intermédia. E a coisa iria ser como a de Manu e seu pai, a teimosia seria levada até ao fim. Essa era uma forma bem infantil de masculinidade. Uma birra, chamar-lhe-iam alguns...

Deitei-me cedo. Também tinha direito a estar emburrado. O esquecimento votado à minha pessoa não seria somente devido ao Covid. Seria também um indício de como seguia essa sociedade em que vivia e como estava empedernido o coração dos homens daquele tempo.

Mais uma vez, vejo a minha mãe a chorar, chama-me "cigano" e a pequena enra-me porque só me sabe destratar, enquanto o pai está na tasca, como sempre. Deve sofrer tanto o mais do que eu, a minha mãe. Mas, sinto de certo modo, que já a perdi, já não é a mesma pessoa que falava francamente comigo e com quem podia ser espontâneo. Está-me sempre a repreender e por mais que eu faça bem, nunca chega, nunca é suficiente. Isto faz-me sofrer, porque eu estou tentando ser eu próprio diante dela e, pelos visto, não consigo, ou ela não permite. Uns são filhos, outros são enteados, nunca a vi zangar-me com a minha irmã ou o meu irmão, eu é que sempre catalizei as más energias, tipo pára-raios. Sempre tentei fazer as coisas pelo bem, é claro que me meto com a pequena, mas a brincar e a minha mãe mudou bastante. Não tenho uma posição que me leve a uma independência e isso estava-se tornando bastante atormentador. No dia seguinte, seguiria para Lisboa, para voltar a estar só. Sim, porque cá em Riachos como em Lisboa, estou só, no meu ínfimo e enquanto isso não mudar, as coisas não vão mudar. Admiro-me como consegui chegar onde cheguei lutando contra tudo e contra todos, recentemente sem quaisquer tipo de apoio ou consolo, fazendo o meu mulher com a doença que tenho e não indo há já bastante tempo ao médico.

Sim, tudo advinha do trabalho, do facto de eu não trabalhar e nem estar para aí virado. Mas aguentava-me, convencendo-me que a escrita era trabalho e decerto tinha trabalhado o bastante para pode almejar alguns rendimentos em termos de saúde mental, já que não se vendiam livros na crise, de resto, para além dos primeiro (a novidade) eu não tinha vendido mais do que poucos, online e em papel.

A minha mãe disse tudo: sou o filho mais inteligente, mas nasci para ser humilhado por parte dela. Raros são os momentos em que sente orgulho em mim e sempre tive de fazer mais do que os outros e ando só, sem ter com quem desabafar, homem ou mulher, amigo ou amada. Retiro da rádio o cenário campestre em que poderia casar com uma mulher, a minha relativa beleza juvenil. Como isso está longe, de uma maneira ou de outra!...

Fui à casa de benho. A mesma mancha incómoda nas calças junto ao joelho. Tinha de levar isso para Lisboa, mudar ou não mudar as calças.

Estamos vivendo uma época de um dualismo que considero perigoso; ora a ditadura do Eu, ora a ditadura do Outro. Será mesmo perigoso, ou apenas mais uma manifestação da sociedade que aqui enceto, desvelo? A sociedade é um grande organismo, precisa de libertar as energias, pois as regulamentações, como na América, são mais do que muitas. O sujeito precisa de se libertar e esse é o sentido da vida, a libertação do sujeito, au-delá da sociedade... Depois, o poder, é o poder sobre alguém, um cão, um gato, uma pessoa, a interdependência, que nos mantém vivos, seja sob a forma maligna seja pela forma do amor. E o Bem, onde fica o Bem quando a minha mãe quase louca, precisando de ajuda. Que posso eu fazer? Ele chega, o meu pai, e logo se põe em frente à TV, deitado no sofá, nem um esboço de diálogo, nada, como sempre, nada. Venho um fumar um cigarro à Casa do Jardim, depois de a minha mãe me perguntar o que quero comer. Apetecia-me chegar ao pé dele a abaná-lo, dizendo-lhe "Eu estou aqui! Preciso de ajuda", mas não tenho coragem, nem creio que entenderia, aliás, já me jogou fora de casa uma vez. Então, deixo estar e imagino o que a minha mãe sofre, perante a indiferença da minha irmã e do meu irmão. A peça na rádio clássica era "As Três Irmãs", de Anton Tchekov.

Pessoas entregues a um mundozinho vão tornam-se cruéis umas para as outras. "Ninguém dá certo comigo, no fim tudo vira amigo" -diz a canção. Sim, grande parte dos meus livros não são literatura clássica portuguesa, tipo romances neo-modernistas, mas alguns são e tenho mais, tenho teoria social e filosofia, poesia e tenho a minha solidão, o melhor leitmotiv de toda a obra de grande valia. Sei bem por onde andei, o que senti, o que escrevi. Se não lhe dão valor hoje, talvez um dia dêe, talvez seja um autor premiado pelo tempo. Vivemos ainda numa sociedade machista, em que o jovem e a jovem sentem pressão social para constituir família, para acasalar. O mesmo se sente face à orientação sexual, o mesmo ao que eu denominaria de orientação social (escolha de área de estudo, de trabalho, ou não escolha). Seja uma tese a desenvolver.

Já sem pandemia estava difícil a minha situação, faria com pandemia. Eu cismava com certas pessoas, mas no fim o meu bom-senso conseguia sempre vencer, mesmo quanto à falta de consideração dos meus pais e certas pessoas. Fiquei mais um dia em Riachos, iria no dia seguinte a uma valente indisposição. Depois de ir deste mundo leriam as muitas coisas. Poucos se dão a esse trabalho e há nesta atitude um certo juízo de valor.

Finalmente, percebi a intenção de Danny; usar-me para chegar ao grupo e por fim gozar de mim face ao grupo. Minha consideração por ele caiu a pique e sabia que dentro de alguns dias desapareceria completamente. A aldeia, que outrra tinha festa quase todos os dias, nem que fosse no café, estava triste e desabitada. Ninguém se adiantava, talvez Bénard ou Avoieu Mas eu não ficaria para ver, era apenas um cenário para os menos cada vez mais frequentes passeios de fim de tarde.

Pela solidão, pela desconsideração a que muitos me tomavam, muitos teriam entrado facilmente em desespero, cometido um crime ou mesmo entrar em negócios ilícitos. Mas eu não, apenas respondi ultimamente a quem me criticava, chateava, como se fosse uma defesa de último recurso, no ringue, um knockout. Então, que crime haveria? Seria ele perfeito? Eu punha em questão todas as hipóteses porque a isso me habituara, do ponto de vista teórico, claro. Na verdade, Lily, o meu último amor, tinha razão, ao comparar a sua situação à minha, parecia sair de um filme independente, com grande verdades e conflitos de geração q.b. Estranha forma de ser filho, tio e irmão. Eu sabia que estava sendo esquecido, não só da minha família, mas da sociedade inteira. E não fazia nada, apenas me queria manter vivo, podia ser que as coisas mudassem e se virassem a meu favor...

E olhava para dentro de mim, na noite, ouvindo um pouco de blues, tal como olhava para dentro na casa de Lisboa, para o pátio, onde se aninhava um gato entre as placas e as paredes. Era dia 1 de Fevereiro, fazia anos dali a quinze dias, não tinha encontrado nenhum dos meus amigos, amigos que não tratassem mal, com inveja ou outro sentimento, amigos que não atraçassem. Fazia tempo, o tempo de um cigarro, até que o meu pai acabasse de comer e eu pudesse sentar-me à mesa. As crueldadezinhas da família são assim, como as dos amigos, as dos inimigos. São crueldades, ferem mais do que propriamente um amor perdido. Por isso, nesses dias, lia "A Caixa", de Günter Grass. Seriam 51 anos dali a dias.

Preso em casa, sinto alguma liberdade, os personagens e seus corpos pairam sobre o meu espírito açossobrado. Estou nas últimas, frustrado, frustrante tudo isto. E ainda resisto, procurando argumentos através da Classic FM. Nesta roda viva, não me dei conta das coisas notáveis que fiz. E os personagens nunca mais me chegam aos olhos, tímido como seu, arremetido, noutras vezes e formas. Sim, tenho bastante vergonha. Mas é isso que nme dá vida, diatriba. Esse sentimento. Esse acontecimento, em que fraquejo, sentindo-me campeão sexual, quando nem sequer tenho amada e os amigos não estão presentes, aqueles amigos do peito, estragado por tabaco que agora consumo moderadamente. Talvez sempre o tivesse feito. Agora faço-o de outra forma. E faço a minha mente fruir a realidade entre melancolia e inspiração. Alguns quadros da minha mãe estão na internet, mas para os tentar vender é necessário um upgrade e eu estou nas lonas, ainda há dois dias recebi a pensão e só tenho dez euros. Não deliro, não bebo álcool, como que desejando não apenas quebras o espelho do tempo, mas fazê-lo desaparecer num balde de magma, sarça ardente, lava. Se lá o que for.

Falta de vislumbre a meio da tarde. Sinto-me diferente de todas as pessoas, abandonado e ainda tendo muito para dar. Tomo umas notas filosóficas. Vejo a Telescola, bebo uma mini, andando de um lado para o outro no meio da casa. Vou comprar um maço de tabaco para ter como reserva, como se fosse a minha salvação para a depressão, a falta de carácter ou simplesmente a pouca energia. Sou um livro em branco, não, escrito, rabiscado, cheio de dobras mais ou menos plissadas. Sinto uma fatura de estar em casa, quando se diz que o confinamento terminará em Março, não se sabe se no início, se no final desse mesmo mês, Sim, sinto perder o chão. Masturbo-me de novo, ao telefone. E cada vez mais a conclusão de que não sou gay nem bi. Apenas não tenho miúdo devido a certas coisas, um meio onde ir, falta de convívio, falta de à-vontade e excesso de timidez. É deixar passar uns dias e todas as minhas pretensões, protensões, virão de novo ao meu encontro. Creio.

E pronto. Tinha de ser. De novo a transsexualidade no meu caminho, desta vez são duas, a mulher de um pastor evangélico e a de um homem dez anos mais velho que não lhe dá satisfação. Estas coisas aparecem-me porque estou num regime passivo, receptivo e não discutir nem fiz aprovar a tese? Está sendo tormentoso, mas tenho descoberto várias coisas. Atenta-me a errada noção de que Deus fez as coisas perfeitas e o Demónio as imperfeitas. O que é o perfeito? É o normal? Lembrava-me da última vez que vira umas cenas na net: duro, duro como ferro. Mas não sentia grande amição de transar com uma pornstar, ia logo abaixo e já me chegava o meu pai não querer que ficasse muito tempo em Riachos...Ela deu-me o número da amiga mas eu não queria saber, quer por ser trans quer por ter de aturar mais uma pila. Não estava para isso. Se fosse mais novo talvez tivesse a mente mais aberta quanto mais o cú...

Há já algum tempo que Artides não ia à província, aquele canto de ruralidade onde podia estar com a sua família próximo (haveria outra?). Sentia-se esquecido, também em Lisboa, pelos exprofessores, pelos excolegas e desconhecia o que haveria além do silêncio da casa, entrecortado por umas peças de Brahams e o remake do filme „A Canção de Lisboa!“. Ainda apareceu um filme de Charlie Sheen quando procurava um título para ver no videoclube, mas, a que propósito estava eu pensando ou falando disso? Pensar é distinto de fazer. Há pessoas que agem instintivamente sem pensar e aquelas que pensam demasiado e eu estava tomando o jeito, depois de ter estado com uma bela africana, depois de um ano pontuado com algumas cenas mais ou menos edificantes...

Mais uma aberta, mais uma branca, fui para a sala ver os X-Men, faço algum tempo antes de ir a meio da noite comprar tabaco às bombas. Ficarei para sempre preso a esta casa, que me dá alegrias e desilusões, ficarei para sempre preso a um trajeto entra aqui, Lisboa e Riachos por comboio? Deixei de investir obsessivamente na filosofia, afinal quero viver a vida e parece-me que ela me está estragando a minha, pelo menos do modo como a devo viver. E porque não vives? –perguntas tu a ti mesmo...

O padres podem estar errados, podem ter muitos defeitos, mas eu gostava daquilo, gostava daquela paz que se impunha ao meu espírito. E ainda hoje tenho saudades do Seminário em Leiria, do convento em Montariol. Tenho saudades do recolhimento, dos lugares onde estive enquanto jovem, esquecendo os problemas do mundo enquanto *Nuvem do Não-Saber*... Por isso, sinto saudades, até acho que dava um bom padre, irmão, mas não sei porquê, dou testemunho de qualquer coisa um pouco mais além, no domínio do profano, do laico...ainda que desamparado e só.

Domingo. Mais uma vez chateado. Não fosse este registo autobiográfico, podia estar escrevendo belas histórias, delineando belas teorias mais ou menos filosóficas. Mas as pessoas de cá, de Moscat, também não ajudam. Parece que vivo esquecido, ignoto no meio delas. São mesquinhas e têm sempre algo a apontar. Não me receberam calorosamente, antes pelo contrário. Mas também não me hostilizaram. Apenas me tratam com indiferença, como se não existisse, como se não fizesse parte do mesmo aglomerado. São bastante críticas e dizem, ora, „faz isto, faz aquilo“, ou „não faz nada“, referindo-se ao fato de ser antropólogo e não ter trabalho certo, visível socialmente. Pois faço bastantes coisas e muito mais do que eles, os meus críticos. E nada recebo por isso. Ainda pensei: „O meu tempo aqui está chegando ao fim“. Mas deixei-me estar. Sim, o meu tempo enquanto antropólogo estava chegando ao fim, o que quer dizer que teria de considerar a hipótese de me mudar. Das duas uma: ou deixava de ser antropólogo ou tinha de me mudar. Mas a coisa era certa, eu já deixara de o ser, sobretudo porque não estava com grande contato com a academia, estava reformado. Mas, uma vez antropólogo, para sempre antropólogo e se algumas pessoas me criticavam, pelos mais variados motivos, eu tinha já uma representação social bastante simpática e agradável, o que me abria portas para certas coisas, certas pessoas. Se, por um lado, não fosse padre de uma paróquia, tinha grandes vantagens e ter escolhido ser antropólogo, realizando um sonho de infância...

Liguei à minha mãe. Fazia-me bem ouvi-la, falar com ela, brincar com ela. A vida não pode ser tão séria. Não tem assim tanto valor, ou se calhar até por isso, por passar disfarçada, como plétora disfarçada, o tem. Decididamente, deixei de ser uma máquina de pensar e voltei-me para o humor, como forma de resolver certas frustrações. Sim, porque eu tinha frustrações. Mas tinha feito muita coisa, mais, incomensuravelmente mais do que alguns dos meus conterrâneos e contemporâneos. Isso não me envaidecia senão enquanto intento para procurar uma mulher, a certa, aquela que me faria bem. Era essa a minha demanda. Não desistira ainda de viver com uma miúda e ultrapassava os meus medos em ser, senão um macho alfa, um macho discreto. Embora não tivesse trabalho nem automóvel, mantinha esse desejo, fosse com uma estudante fosse com uma profissional. No meu íntimo, eu bem acataria as críticas de que não queria trabalhar, sim, porque tinha algo bem mais importante para fazer e que seria trabalhar também, isto é, escrever, ler e escrever, descrever, o mundo. Isso, eu sabia, era bem mais importante do que trabalhar por conta de outrem, e escrever era trabalhar em prol de toda a humanidade (que se tem, que se é), mesmo com falta evidente de retorno em vida, é ter coragem para levar o mundo dos outros para o nosso, para um mundo de letras.

Depois percebi que certas mulheres querem, na cama, o grande e grosso, em vez do médio e normal. É uma espécie de endema feminista, isto. Pouco lhes servia a inteligência, querem grande e grosso, LOL, sinal de estupidez e falta de inteligência. *Small is beautiful, moron*. A escrita não me dava tanto prazer. Nem o sexo, nos dias anteriores tinha estado como uma africana e procurava não alimentar muita expectativa quanto ao sexo que, na maior parte dos casos, nos distrai da literatura, da filosofia e da ciência. Da boa ciência.

Entra uma tipa que não conheço de lado nenhum e faz comigo sexo na cama, em nome de uma certa cultura capitalista que não permite que as pessoas se conheçam bem até chegar à cama. Estranho, isso. Estive, por isso e por outras razões, audente dos chats da net e coloquei anúncio em revista feminina. Tive um pouco de sorte, mas na maior parte era burras que queriam trocar mensagens de teor sexual sem irem para a coisa prática, como eu queria. Estava feito macho-alfa, nesses tempos.

Tinha de dar a volta à situação. E não me podia desculpar com o COVID, o humano, só ou em grupo, encontra sempre uma saída, seja em tempos de guerra, como os militares e polícias, seja em tempos de paz, como os homens religiosos, bem, nem todos. Mas alguns. Ou então, restava-me ter toda a paciência do mundo, como as outras pessoas, e esperar que a tempestade passasse. Tinha vontade de ir até Riachos, mas não sabia ao certo como o meu pai reagiria à minha presença. As coisas estavam mais apaciguadas mas percebia que ele fervia por dentro, por um lado queria que eu fizesse vida (e fortuna) em Lisboa, por outro, que ficasse em Riachos para lhe dar como que uma continuidade à sua presença, passagem, por lá. Fosse como fosse, recolhi-me à cama para ver as notícias, hábito que o meu pai tinha desde cedo lá em casa, às treze e às oito da noite, enquanto almoçava e jantava...

Com o porno deixas de sonhar. Há um excesso de sentido e desrazão que te levar ao desespero, porque és mortal. Por isso não te metas com isso, embora sejas consumidor ocasional. Precisas de sonhar, porque só és feliz se concretizares os teus sonhos, aqueles que te atribuis dormindo ou acordado. Depois, senti que fizesse o que fizesse, já me tinham esquecido. Mas podia ainda ser lembrado. Bastava-me agir naturalmente, sem grandes ondas. Estava cansado, nem uma palavra de ânimo e entusiasmo de alguém a não ser os meus, claro, obviamente. Isso dizia muito da sociedade daqueles tempos, cada um por isso, tudo feito à pressa, sem reflexão alguma. Depois quixavam-se na TV. A pessoa que não consegue o mínimo de abstração, que provém da reflexão, deve ser considerada burra. É mesmo. Mas tinha plena consciência de ter feito um percurso singular e sentia orgulho de mim mesmo no dia de anos de 2021...

Podes iludir a mente, mas não podes iludir o coração. Por mais forte que sejas, por mais forte que tenhas sido em certas situações, estás frustrado sobretudo porque não tens trabalho, não é que não queiras trabalhar, é que não consegues e o mesmo se passa com as mulheres, elas não te ligam, não querem saber, para eles és doente, uma seca, mas tu sabes que não és nada disso, és algo mais do que eles querem e, na grande parte das vezes, não conseguem, mesmo que tentem, chegar ao âmago do teu coração. Depois, de que te serve ser um grande cientista social, mais ou menos reconhecido, na TV, na vida pública da rua, se não estás feliz e a tua família não vá lá grande coisa, vai aos solavancos? Porque a grande parte faz ver porque precisa disso, dessa constante formulação de propósitos morais, profissionais e tu não precisas disso, és mais diferente e podes dedicar-te à arte porque tens talento apanhado com o tempo na árvore da sabedoria. Isso não vai acontecer, porque eu vou por outro caminho. Sou daqueles que concebem a existência como uma obra de arte. Sem concessões. O meu pai e a minha mãe velhotes, a

pequenita, eu arrancado ao confinamento de Lisboa, não, é injusto dizê-lo, não saio mais porque não quero, agora no estúdio Arte Florida de Riachos...

De resto, eminência da morte deixa-te mais vivo e podes por isso, escapando como uma lebre ao tiro do caçador, viver melhor a vida, sentir o chão térreo da aldeia e o fugir do gato para a rua, todo sujo, cheio de pó e terra. Claro que gostaria de ter uma mulher. Ter, possuir, abnegadamente, saber o que contar, ter as emoções sexuais e outras devidamente estáveis. Mas isso não acontece!... Mesmo que eu force, que procure. Acho que a felicidade, que é o que eu procuro, está em procurar, não em conquistar. Depois...depois está tudo feito e tomamos tudo como certo, até se dar uma discussão e outra e mais outra e tudo acabar num negro vale de lágrimas.

E pronto, mais uma chatice com a minha mãe, que está sempre a implicar comigo, não posso ser espontâneo e dizer uma ou outra coisa. Tinha de ser, para compôr o bouquet. Acontece que não tenho com quem falar, confidenciar, desabafar. Mas, enfim, em Lisboa é a mesma coisa. Oiço um pouco de música e arranjo argumentos para continuar a escrita.

Ao menos eu tenho uma vida, não estou alienado pelas mais diversas teorias, marxistas ou católicas. Ainda assim, sou um deles, saí do crisol e da penumbra como Fénix e ainda julgo ter alguma coisa para viver. De resto, as pessoas de Riachos e Moscat eram boazinhas. Podiam ver um cão morto no meio da estrada e nada faziam para o retirar, para o interrer numa cova. Com as pessoas era igual; podiam ver um ser humano a sofrer e nada diziam. Por isso não alimentava esperanças de regressar, tão cedo, a Pombais e Leirena, aliás, ninguém me dizia nada de lá, estando eu em Moscta como em Riachos.

Carrego no lume. As cavacas estalam. Penso em Lisboa. Procuro o sentimento positivo de quem não tem certas coisas mas tem muitas mais. Por mais que te esforces, se é esse o teu objetivo, nunca conseguirás contentar as pessoas, os políticos, que estão próximos desse desiderato, não o conseguem fazer todo o tempo. Cristo não conseguiu. Marcelo Rebelo de Sousa esteve perto, por várias vezes. Sim, pensei em pagar a discussão da tese com a venda de alguns quadros da minha mãe. Mas não me parecia muito ético, de modo que não pensei muito no assunto, embora ainda o pudesse fazer. Depois, quanto mais tempo passava (passaram dois anos desde a entrega do texto), as probabilidades de

ser discutido o texto diminuíam, creio, não conhecia os meandros. Enquanto várias pessoas me criticavam por não trabalhar, eu continuava a ler a escrever. Depois, de que me valia preocupar-me, estar com tantas teorias, tantos escritos, se não estava ligado a nenhuma instituição? A ligação a Letras foi forçada por mim, para ter alguma afiliação. Não tinha intimidade cultural com nenhum ou nenhuma professora, inclusive de qualquer outra faculdade. De modo que faço as coisas um pouco às cegas. Nisto, as ligações online eram mais efectivas e eu continuava a ler Zubiri e Marías. Blá blá blá, podia estar aqui com o cérebro ligado ao écran todos os momentos. Mas prefiro viver e venho cá de quando em vez, não tanto como um confessorário nem como um médico da cabeça, mas como lutador divertido das palavras.

Nessa altura, o meu pai nada falava comigo, a minha mãe, pouco, e também pouco a minha irmã. Era era como que um saco de batatas, interessava-me por saber como iam as coisas, mas não era tido nem achado para nada. Valia-me a Casa do jardim. Pensava nos meus inimigos, naqueles mais perigosos, que nunca se afrontavam à minha vista, um gráfico, o meu cunhado, em certas circunstâncias,. Mais um ou outro que me odiavam à distância, tal como eu odiava alguns, aqui ou acolá. Ao contrário dos outros, não sou um homem mediano, a minha capacidade intelectual leva-me a ser diferente e seria, trabalhando eu isso, difícil ter todos os bens que os outros e para os quais investem toda uma vida. EU posso não ter bem materiais, mas tenho outros, espirituais, culturais. Isso faz de mim uma pessoa interessante, apesar do desvio, apesar do que a minha irmã disse em tempos: “Quem é que o quer?” Ela sempre teve inveja de mim, bem como o meu cunhado, pessoa com quem nunca tive boa relação, tive de ser sempre eu a ceder em várias circunstâncias. Depois, o meu pai ignora-me. Para ele, não conto para nada, parece que anda com birra. Quanto à minha mãe, quanto mais faço pior é, por isso optei por lhe falar apenas o mínimo, pois pensa que estou a incomodá-la, a chateá-la. Também perdi de vista Manu, talvez por estudar filosofia, não sei ao certo, talvez por não trabalhar ou não ter um trabalho consentâneo com a sua ideia de trabalho. Estas duas noções embatiam uma contra a outra e a aldeia estava deserta e triste. O COVID trouxe à superfície a maneira como as pessoas são, sociologica e culturalmente...quando precisam, falam, fazem-se amigos, quando não precisam deixam de falar.

Talvez ninguém me queira, talvez a epidemia apenas tenha acentuado uma depressão crónica que sinto há alguns anos. Mas, nesse tempo, desde os 41 anos, plantei questões que pouco se prontificam em tratar. Se vendi ou não, se tive sucesso ou não, isso é já outra coisa. Apetecia-me sair dali e voltar a Lisboa, ainda que soubesse que iria ficar sózinho mais um tempo. Mas, ao menos, estava acompanhado comigo mesmo, com os meus fantasmas e os outros, não as almas, mas os corpos. O meu mérito, além de estar pouco preocupado com o status, advém de ter levado as coisas e as palavras bem muito, mesmos em o apoio dos outros. Talvez a minha mãe quisesse que eu estivesse vencendo longe, na grande cidade e tivesse um grande estatuto. Mas eu tenho isso, estou convicto. Na aldeia também e não há nada que possa apagar o trabalho feito, ainda que sem retorno financeiro, entre os quarenta e um e os dias de hoje. Assim, a minha prosa tornou-se mais confessional. Mas...é também um estilo, não é?...

Simplemente, há pessoas que têm forma, mas não têm conteúdo. Essas são a maioria. Mais raras são as que têm conteúdo sem forma. Mais ainda as que têm os dois níveis de visibilidade social, sendo que o conteúdo interessa mais ao sujeito que está desviado da norma, porque para qualquer ajuntamento ou grupo, apenas é necessária a forma, sendo o conteúdo, quando aparece, tido por troça ou gozo, já que aí mandam as leis do grupo.

Mais um desaguizado com a minha mãe, o meu pai está já a dormir. A pequena arma-se em esperta e resonde por tudo e por nada, tenta controlar tudo e tem opinião sobre tudo. Acho que a minha mãe tem todos os ingredientes para ter uma grande doença mental, pior do que aquela que a sua mãe teve. Oxalá me engane, pois aí é que não vou estar para ajudar, que ajude a minha irmã já que é tão amiga dela. A solidão morde como um bicho maligno na noite, morde os calcanhares e o meu íntimo da verve instilada na mente. Abate-nos, destrói, mas não nos aniquila, pois nos levantamento uma e outra vez, as vezes que fôr preciso. Digamos que a minha mãe sempre me odiou, só quando eu me sacrifiquei para a antropologia, para a religião, é que não. Hoje em dia, como filho desnaturado que sou, odeia-me por não ser um engenheiro ou profissional de sucesso, que é sempre social, de prestígio, talvez porque em certo sentido também lhe dei a sofrer, estas coisas não têm só um sentido. Mas é o tipo que mulher, que odiando o filho, o queria levar junto para a cova. E eu tenho de lidar com isso sem falar com ninguém, sem desabafar, eu, o reformado que tem de procurar trabalho, pois no pai está o corpo e não a alma ou espírito relativo a mim. Já não sente nada. Pelo menos por mim.

Mesmo que quisesse trabalhar, que quero, não teria a energia suficiente, não só por me sentir isolado, mas porque os internamentos deixaram mozza, mas a hipótese não está posta de lado, mesmo com toda a obra produzida, o que me levaria a levar a vida só para isso. É isto o que eu penso.

Digamos que sou gay. Aí, tudo se explica, a indiferença do meu pai, a falta de atenção por parte da sociedade. Mas não sou, apenas estou demasiado “receptivo”, passivo, enquanto não vejo a tese aprovada. Depois, fecho a “barraca”. Serie então bissexual? Talvez sim, talvez não. Isso explica também tudo, a forma como as pessoas me vêm, a forma como é e se constitui a sociedade: materialista, laica, atea, ou falsamente religiosa, em todo o caso, pouco construtiva, pouco tolerante, apesar de oito séculos de história, a mentalidade do chico-esperto, do toca e foge, do oportunismo nas relações. Talvez esteja

sendo pessimista. Mas é como me sinto. Desculpem lá qualquer coisa, já tenho a minha dose de sofrimento. E, sózinho, com as minhas convicções e problemas, mais ou menos inventados, continuo a lutar. Mas, não é certo que se fosse gay procurava homens? Isso não acontece, não procuro intimidade com eles. E já tive várias oportunidades de o fazer. Procuro desalmadamente mulheres, muitas mulheres passaram por mim, mas nenhuma ficou, talvez isso indicie uma coisa, uma certa coisa do que sou ou não sou ao longo do tempo. Talvez não tenha dote, como diz o Colinas. De onde vem a convicção de que sou feito para uma ou várias mulheres, de que sou feito por outro lado, para o celibato? Talvez devido à experiência que tenho tido, que tenho vivido. Não foi por acaso ter ido para antropologia, ainda penso no ISCTE, ainda penso na NOVA, na Católica e em Letras... Afinal, do tempo também faz parte a distensão do objeto no espaço.

Às tantas, concluindo, a felicidade assemelha-se em muito ao estado de criação do artista. Não pode estar sempre neste estado, pois é desgastante, como o excesso de sexo (e de amor?) o é. Por isso, a felicidade não só aparece quando é menos tida, quanto acontece quando é procurada, em termos de pesquisa de sentimentos, da prática da relação com o Outro que está em nós mesmo e além de nós. E então, nessa noite, abri o ficheiro “Novo Tratado da Reforma do Entendimento” e talvez ficasse em Riachos tentando completar o assunto. Afinal, era apenas trinta páginas, não deveria de levar mais de quatro dias, se trabalhasse a bom ritmo...

Trabalhei a bom ritmo, só hoje foram 11 páginas. E bom, falo dois dias depois e já está terminado o texto. Fiquei com um travo amargo, aos meus nada chega, entre o homem prático e o homem de letras, elas tratam-me com animosidade e eu juro a mim mesmo mais distanciamento, enquanto Manu deixou de dar notícias. Podia pagar os emolumentos da tese se vendesse dois ou três quadros da minha mãe, mas nem isso posso porque não tenho cartão de crédito para os fazer vender num site de arte. Passa o tempo e eu ainda de volta com o doutoramento.

Interrogo-me; como consegui realizar tantas obras a desvelo da consideração dos meus, que não me dão entusiasmo para nada, nem valor ao que eu faço. Com muita fé, vontade,

perseverança e obviamente, talento. E fora da universidade. E o que nos sobra? É o coletivo, esse sentimento de sermos mais do que um, que faz avançar o seu para qualquer coisa, sentimento, além de si mesmo.

Andarei muito tempo de volta com estas questões? Ser gay, não ser, ser importante não ser. Algumas pessoas dão-me importância, outras não. A barriga mantém-se, consigo levar a minha vida e hábitos regularmente. A poucas semanas do desconfinamento, volto a dar um passeio a pé. Vou comprar cerveja.

Ainda havia um ou outro que implicava comigo, mas eu acenava aos velhotes e tudo ficava bem. O espírito comunitário de Moscat era algo mais claro para mim, mas não sabia se havia de ficar mais ou ir embora para outro lugar, mas não tinha esse poder na minha vida, acho que chegava de mudanças, em algum momento temos de assentar. A pouco e pouco, no meio das dúvidas eu conseguia ser mestre de mim mesmo, dono de mim mesmo e fazia pequenas escolhas que conduziam a uma certa autonomia da razão face aos acontecimentos, agradáveis ou desagradáveis, do quotidiano. Ia a caminho do octogésimo livro e os artigos científicos tinham boa recepção em sites de academias. Mas a tese estava parada, embora muita gente tivesse feito download, uns 350 pessoas, no espaço de um ano. Eu sentia que estava sendo conhecido, mas não embandeirava em arco, pois continuava a angústia do autor em produzir mais e mais, descobrir novos princípios científicos em termos multidisciplinares, nova ideias, que me ajudasse a mim e as outros. Contudo, passavam-se dias e dias sem alguém me ligar para um emprego, o email pouco dizia, no facebook dizia Bom Dia a uma Filipina e no dia seguinte outra vez Bom Dia, apenas isso, LOL

Assim , a pouco e pouco, fui aprendendo a detestar as pessoas que não arriscam, que vivem como se fossem imortais, que se desenham certas no espaço. Fui aprendendo a detestar esse tipo de pessoas, impávidas e serenas, mais certas do que o meu próprio Deus, não sabendo que lhe podia acontecer algo de um momento para o outro que as transformaria em outras pessoas, talvez mais sensatas e alegres. „Isto, para mim, é tudo Trump“ –disse-me o Alcides há dias.

E fui apreciando as vantagens de estar só, as inúmeras possibilidades, não só em termos sexuais, das aventuras na cidade. Lembrava-me do Paulo Estói, que tinha um talho fechado já desde o 25 de Abril em Riachos e que passava o dia no café como farol da sabedoria riachense, entre outros. E o Mário Lino, que era de umas das famílias centrais, como eu mesmo e que fazia paramentação de campas. É preciso coragem para cuidar dos mortos, ainda que muitos vivos estejam mais mortos do que os propriamente mortos. O miúdo havia batido com a motorizada e eu deixava de fumar um cigarro e até torcia para que ele viesse até Lisboa quando fosse caso da faculdade. Poderia comprar uma casa à beira-mar e deixaria esta para a minha irmã. Entretanto, havia encontrado uma razão altruísta para ficar na casa de Lisboa: esperando os meus dois sobrinhos quando viessem para a universidade. Mas isso dependeria deles e dos pais, pois a minha experiência em Lisboa não fora nem puramente edificante nem outra coisa qualquer. Lisboa só me havia dado um diploma e eu queria outro. Na maior parte dos casos, só gente antipática que me queria ver mais do que morto. Eu percebia isso, porque elas não se chegavam perto de mim como no início, noutros tempos. Tinha de ser eu a arriscar o meu coiro para lhes agradar, a maior parte do tempo descendo de nível e arriscando a minha reputação.

Mas pronto, não me choramingava disso e procurava ter paciência. Mas a situação estava chegando a um ponto insuportável. Até dava vontade de rir.

Será que tu podes ser rico e ter sucesso social sendo um grande escritor, conhecendo a angústia e o desespero da criação? O regozijo da criação não te satisfaz, ao ponto de nem um carro tu tens? E nem mulher para a diatribe? Andas em terceira ou quarta personalidade, ou seja, em ti cabe o Alter Ego, o Nobis e o Vobis. E os teus escritos permanecem ignotos, como se fosse uma profecia ou algum escrito sagrado. E tu, que quase não falas de ninguém com ninguém, que será de ti? Na verdade, já tinha saudades da Faculdade, não do ISCTE, isso para mim era assunto arrumado, mas das Letras e andar pela cidade universitária a flutuar enquanto „hipotético docente“. E o amor, onde estaria o (meu) amor? Perguntei ao João Peste, que era do meu tempo, e ao José Carlos da Bobadela e ninguém me disse nada. De modo que continuei a escavar no silêncio de uma pedra no caminho entre o Cais do Sodré e a Estação do Oriente.

Os filósofos que tinham encontrado nada percebiam de antropologia ou de sociologia. Aliás, era bastante irresponsáveis nos seus escritos, como se pudessem dizer tudo e mais alguma coisa sem o mínimo rigor científico, o das ciências sociais e humanas. Mas também tinha encontrado bastantes antropólogos incapazes de filosofar. Isso preocupava-me. Até um certo ponto. Deixava uns e outros imersos na sua douta ignorância.

Chego ao ponto de não queres escrever grande coisa. Acho que não tenho grande coisa para contar, que tenho um novelo na cabeça e que até vislumbro a forma como esse novelo se delineia. Mas talvez seja melhor, mais barato até, do que ir a o psiquiatra ou fazer com alguém de confiança. A minha mãe contou-me que o meu pai não me quer na casa de Riachos. Falei para uns trabalhadores de um casa ao lado que haviam enviado uma boca, meti-me com eles, e logo ela entrou em pânico, como se eu fosse o culpado de todos os seus males. Fiquei sabendo que foi a minha irmã e a minha mãe que me levaram ao psiquiatra, aos trinta e cinco anos, quando eu podia ficar em Riachos perfeitamente, curando-me, tinha ambiente para isso, como de resto aconteceu quando quis vir embora do hospital para ficar curando-me em Riachos. Sim, porque a vontade delas, bem como do meu pai e irmão, era que ficasse lá para sempre. A questão é que não sei exatamente porquê. Aconteceu coisa semelhante ao Manu, ao Victor, e está acontecendo comigo. Eles estão a morrer e ainda me mandam sapatadas, tenho eu de aguentar tudo e mais alguma coisa. Expulsam as pessoas do pé deles e ainda torcem para que correm bem. Queriam que fosse trabalhar para as obras, para a terra, sei lá o quê. Mas eu não estou para isso. Vira-se tudo contra mim e não creio que seja bem visto em Leirena ou em Pombais, mas também não alimento nenhum tipo de misticismo por esses dois locais. O prablema, a bola, está do lado deles, não do meu lado. Sim, era o meu pai, à cabeça, que queria tratar de mim, esquecendo-me das merdas que fez enquanto jovem. A minha mãe encosta-se a ele e rejeita-me, mesmo que não concorde com ele dá-lhe razão. É um ditador, sempre o foi, como muitos, o pai do Vítor, do Manu, do Danny. Mas há por aí muitos, que não toleram a diferença. O meu pai é só um exemplo de um certa forma de pensar. O não pensar.

Não sei que diga, é-me árduo não entrar em pânico, não tenho ninguém de confiança, talvez apenas o Manu, mas mesmo esse me anda a tratar mal, quer que eu lhe pague o tempo que estive na sua casa em Penachos durante a faculdade, não sei, vejo-o bastante mal-disposto para comigo. Portanto, devo regressar a manhã para Lisboa, porque o meu pai não me quer aqui e como é bébézinho com chupeta, não se pode contrariar. Certo, queriam que tivesse casado e tivesse tido filhos, um bom emprego, conhecimentos, coisas que a filosofia e a antropologia não dão, só chatices mentais. Mas não estou desiludido comigo. E sei que eles no fundo também não estão, quisera eu que corresse melhor, coisa mais chata do que mergulhar e chafurdar na sombra não há. A minha mãe diz que é triste e eu também acho, mas lembro-me que, tendo estado como eu estive, várias vezes perto da morte, terei feito muita coisa, muito mais do que muitos que nunca sentiram o seu bafo. Não tenho grande pressa, aquilo que colhi irei recolher um destes dias e não faço disso questão, julgo não ter nada a provar, enquanto já provei muita coisa. E em todos os meus acahques mentais, sob os quais delineei as mais diversas obras, nunca me atirei violentamente contra ninguém. Então e hoje, o mesmo já não se pode dizer dos outros. E em tudo isto, em todo estes caminho, poucas foram as mulheres -para um carinho ou outro- no meu caminho. Em terra de cegos quem olhos é Rei. Santos da casa não fazem milagres, embora eles vão acontecendo a pouco e pouco. Sim, os meus pais não davam valor à minha carreira enquanto escritor, de trabalhar como cientista sociais desguarnecido desde há anos. A minha mãe achava-me uma espécie de demónio, não podia dizer nada, nem fazer nada. Mesmo quando estávamos vendo TV, não podia fazer comentários. Mas eu sabia que tinha conseguido grandes vitórias em termos sociais, académicos. 350 downloads da tese queriam dizer alguma coisa. EU não trabalhava no invísivel, mas pelo indivísivel, foi longe, à frente de miuta gente, para lhes descobrir razões metafísicas e chegara a importantes descobertas nesse campo, da

fenomenologia e da metafísica enquanto perspectiva social, com alguns tópicos de teologia e psicologia social. Por isso ia andando e estava alimentando a minha solidão mais um dia, na Casita do Jardim, sem TV, debitando algumas palavras como estas ao som da música de uma rádio regional.

O meu irmão sempre fora como o meu pai, tudo à bruta, como garotos mimados berrando por ganhar. Ganhar é relativo, meu amigo, é a sociedade que diz o que é ganhar ou não ganhar, é uma questão de auto-estima, meu chapo.

Como me devia de sentir, com tudo o que me faltava, quando ainda por cima ora me calcavam e malediziam, ora ignoravam com a mais pura indiferença? Não sabia o que pensar, novas e mais novas questões me surgiam e eu abundava em hipóteses e apotegmas. A gente bruta por vezes quanto mais atenção se lhes dá pior é e falo de certas pessoas de Riachos e Lisboa, incluindo Moscat. Custa-me dizer isto, mas é verdade pois é o que sinto. Dá-me vontade de nunca mais dar aulas, é tempo perdido, numa academia não tinha a liberdade que tenho para escrever o que escrevo “cá fora”. A selvajaria imperava por ali, se todos os humanos tivessem noção da sua finitude, certamente não agiriam assim ou talvez até agirião pior. Havia gente com bastante falta de princípios e valores. Tinha o seu grupo e, no fim da caminho, nem se davam conta com o rasto de caca que haviam deixado para trás...

Muitosa maldizem o país e vão para fora, que as pessoas parecem carenguejos, dizem mal de tudo ou são coscuvilheiras e onde eles vêm desprezo e lugar e tempo vazios, eu vejo uma janela de oportunidade para encher, preencher esse espaço vazio. Há poucos que façam isso, se tivesse uma cambada de amigos talvez não tivesse feito metade do que fiz, embora não me agarre a isso.

Se andasse para aí estupidificado, mas não, acho que ter começado a escrever e ter feito a tese ainda foi pior para as minhas amizades ou falta delas. Certas pessoas têm horror ao conhecimento e preferem viver na segurança de certezas, mesmo que incontestadas. Até o pequenito não me ligava, telefonara-lhe no dia anterior e não atendera, não fiquei a saber porquê. Tinha tido um acidente de moto, a sua adolescência, início de juventude, estava explodindo e hoje não é como dantes, no nosso tempo, hoje há bastantes mais solicitações para o Mal...

Disse a mim mesmo no comboio, há algumas horas, que escreveria mais duas páginas na nova estada em Riachos. Já cumpri largamente esse desiderato. Amanhã regresso a Lisboa, porque a minha mãe está sendo chateada pelo meu pai a meu propósito e não quero que ela sofra por mim. É assim, triste mas verdade. Com eles também aconteceu isso, o meu pai é uma pessoa conflituosa, mimada, que não dialoga, gera ressentimento sobre as pessoas à distância, como é hábito nesta terra. O meu cunhado é um pouco assim e a minha irmã já lhe ganhou o hábito, para não falar do meu irmão. Trabalhar nas obras, era isso que ele e ela queriam, não dão valor ao trabalho intelectual, pois não é agora que vou desistir, agora continuo andando em frente, com a cabeça virada para a frente, não para trás ou para os lados. Prefiro assim como está do que sacrificar a minha saúde mais e mais. Talvez venha a escrever mais artigos científicos. E acabe, dentro de algum tempo, esta obra...Aliás, na academia teria de dar autores que não eu, enquanto como está não preciso de dar cartucho a ninguém e posso, por entremeio, descobrir muitas coisas como investigador independente. Mas pronto, com o desconfinamento, as coisas irão certamente melhorar. Isto é o meu pai: quando te aproximas dele para falar prega um peido. Mas não era só ele que não gostava de mim. Mas, preocupava-me eu com isso? Nah! Mas por vezes sim- Muitos geravam inimigos porque lhes tinham inveja, só isso, como o Pimentoso e alguns mais em Riachos, que estava longe de ser um paraíso. Mas por vezes estava lá perto. As pessoas deixaram de se falar, mesmo vizinhos, amedrontadas com a morte ou a ignorância, sei eu lá. E a minha cabeça ficava fazendo ondas e pensando nisto tudo, em como a felicidade nunca mais vinha e em como é grande tolice estar só, ainda que seja difícil encontrar alguém compatível nos dias de hoje. Grande parte dos segredos sobre o contexto etnográfico em que escrevo reside na culinária. De facto, as pessoas são impulsivas por alguma coisa. Mas, no fundo têm medo, sobretudo de ideias estranhas à sua forma de pensar. A carne é a base desta culinária e isso diz muita coisa sobre o carácter das pessoas, que preferem o barulho ao silêncio, incomoda-lhes ver uma pessoa parada, como se tivessem vivido a revolução industrial, no meio dos vapores e arrufos das máquinas e locomotivas. Ainda assim, ficava com a ideia de que seria melhor assim, sem grandes amizades do que confidenciar coisas íntimas a um estranho. Sim, também eu participava do sarrabulho e era pessimista q.b., e

isso abrigava-me face ao espírito descoberto e incauto, sarrabulho do qual também eu participava.

Olho umas fotos minhas. EM tempos, era um figuraço. Nem sempre me aproveitei disso. Hoje, estou como que disfarçado. Tenho barriga. Mas não leva muito tempo até que fique bonito outra vez. Ao menos estou em paz comigo mesmo, é certo que me preocupa o futuro, sobretudo por estar só afectivamente. Mas procuro ter calma e viver a vida com pouco e acho até que me notabilizei em várias medidas a muitos dos meus conterrâneos, contemporâneos e tipos que me têm inveja. Prieto passou a grande velocidade por mim, se fosse outro até pensaria que me querem caçar ou fazer alguma partida. Quintãos.

Sim, estava triste, não tenho pejo em dizê-lo. Mas podia estar muito pior. E dormia, nessa noite, sobre isso. Depois, fui incutindo a ideia de que seria esquizofrénico. Mas isso não mudava nada. A minha mãe queria que eu, de novo, fosse para um hospital, que deixasse todas as minhas pretensões ao que quer que fosse e lhe alheasse da sociedade. Mas, eu sabia que a sociedade estava mais doente do que eu, o que eu tinha era falta de amigos e tinha resistido bastante até então. Fora sempre a minha mãe, combinanda com a minha irmã, que me haviam internado sucessivamente e aos olhos da sociedade era agora maluquinho. Por isso, por mais que fizesse, escritos, tese, nada valia, por mais que me esforçasse e por mais talento que tivesse, nada, ninguém me dava importância, ao ponto de se chegar a mim e falar comigo. Eu teria conseguido uma certa notoriedade social e, portanto, era também um alvo a abater, pelos meus e por outros fora do círculo familiar, era um tipo incómodo, fora da corrente e isso fazia moça.

Sim, perdera o interesse pela vida. Mas, a vida tem algum interesse que não seja buscar as causas últimas, vivê-la radicalmente? Mas para isso é preciso meios e eu não os tinha, para viver a vida sem passar cartucho a ninguém. A ideia de que todos falavam de mim voltara ao meu espírito, assim como as pequenas percepções. Eu, na realidade, estava am pânico por não saber que mais fazer, por não ter sucesso como escritor, pela vida não correr bem. Mesmo que viesse a Riachos ver os velhotes, as pessoas pensavam sempre que eu estava ali à espera que morressem para pegar no seu dinheiro. Mas com os outros não era assim? Os outros também não tinham problemas, mesmo num quadro de Covid?

Eu não iria desistir, fosse por onde fosse, pois o confinamento estava finalmente a acabar e eu tinha-o cumprido integralmente. E, nessa manhã, como se o meu pai não me quisesse em Riachos, eu rumei de novo a Lisboa.

Sabia que o sexo e mais sexo podia ser não um bálsamo para a minha tristeza, mas como que uma anestesia. Depois, fui pensando na minha mãe e andava de um lado para o outro na casa à procura de um bom pensamento. Mulheres e mais mulheres, não. Queria apenas uma. Mesmo que passasse mais mal. Mas não sabia o que ia acontecer. AS imagens intrusivas do passado afloravam ao meu espírito de quando em vez e eu anda demasaido certo, circunspeto, matemático, de modo que precisava então de andar um pouco à toa...

Corrijo, estava a ver tudo mal por estar demasiado tempo em casa. Faltava-me sair e conviver. A pouco e pouco, sentia perder a oportunidade de ir às Américas, mas não ficava desgostoso diante dessa possibilidade falhada, ou não, que eu impusera a mim mesmo. Sabia que tinha, se fosse boa a minha perspectiva e tivesse alguma calma, muito para fazer em Lisboa. Por falar em sexo, estava em branco há dois meses, como que esperando por melhores dias.

Eu bem podia fugir à religião, mas sabia que o facto de eu estar vivo era um milagre, que eu atribuía a Francisco de Assis porque o invocara em França na maior aflição. Isso podia ser muita treta de religião, podia ser um fraco para certas pessoas, mas o facto é que, antes as empenas e dificuldades que enfrentara, a maior parte do espírito, por pôr tudo em casa em nome da escrita, da antropologia, da filosofia, eu estava vivo e ainda tinha boa relativa saúde. Procurava, ainda que estando ansioso pela falta de trabalho e de rendimento, e de miúda, já agora, não fumar, e em casa, no confinamento, o tempo passava. _Benefícios do tabaco. Acalma-te, pá, tu que tens tendência para a disseminação do teu espírito e vontade. Estava ansioso e cansado, farto de estar em casa, sem falar com ninguém, para que a minha vida fizesse de ilustração filosófica, isso eu não queria, queria antes o amor e a entrega a um corpo, a uma alma gémea, porque a dor de saber era demais. Demasiada.

Nem sei como estou ainda aqui, enquanto escritor, mesmo tendo vendido trezentos e cinquenta exemplares da tese por um site especializado em trabalhos académicos. Nem sei como estou aqui, talvez pelo meu pai, pela minha mãe, pelos meus irmãos e sobrinhos. Sinto falta de carinho, pois sinto. Não sei como estou ainda aqui. Ainda que esteja farto de muita coisa, não estou farto de mim, mas dos outros, que prosseguem suas vida e não fazem sinal. Talvez seja essa a falsa forma de se imortalizarem, fazendo uma obra, como eu fiz, e não dar cartuxo a ninguém.

Sim, esperava por uma miúda que vivesse comigo. Não seria esperar demais? A garrafa de uísqui esta a dois terços e parecia não me fazer mal, ao contrário da cerveja. Daria para dois ou três dias, era a minha forma de celebrar alguma coisa, de participar de qualquer coisa subjetiva e metafísica...

Eu não tinha cuidado e o meu pai expulsara-me de casa, entre os choros da minha mãe. Falei com o meu irmão e tudo parecia ter serenado. Talvez não voltasse mais a Riachos, certo é que não lá voltaria tão cedo, não sei dizer bem ao certo. De modo que fui procurando um mundo além das preocupações, além da consciência dos outros, fossem Dani fossem Benny, um mundo além de tudo isso, da vida que eles tinham e que eu queria ter tido mas não desejava mais, porque eles me viam como uma espécie de inimigo e eu já não estava aí, apenas queria perseverar no quotidiano em Lisboa, se é que isso vos ajuda em termos de referência....

O ISCTE ainda estava na minha memória, a ESEL de Leiria, o que eu podia ter sido e não fui, a FCSH, a Faculdade de Letras, as mulheres que podia ter tido. Agora, estava só e não adiantava pedir nada sobre esse mundo. Mesmo Susana Vieira, que procurava entretanto pela Net e que não aparecia, como se tivesse desaparecido, tal como muitas as minhas conhecidas (ou desconhecidas)..a A heterossexualidade tem a ver com o desprezo das mulheres, enquanto aquele que elas desejam está só e por elas sofrem, de algum modo. Porque a mulher, quanto mais atenção se lhe dá, pior é.

Enfim, toda a mulher é puta, porque busca o interesse e não o romance. Toda a mulher procura o capital, ficar acomodada na fortunado marido, poder viver uma vida de luxo e viajar à pala do seu marido, mesmo que não dê o pito. E se o dá é porque é puta, ou seja, é por algum motivo de interesse e não pelo amor que possa vir a ter ou não ao seu marido. É incômodo, até para mim, mas cheguei a esta conclusão e creio que estou no âmago da verdade. Toda a mulher é puta, ao invés de certas exceções, onde o amor e o sacrifício fazem delas santas, ainda que não deixem de ter relações sexuais com o marido. Mas o culpado é o homem, porque ela é uma espécie rara de joguete nas suas mão, ainda que tendo a faca e o queijo nas mãos.

Pois a questão põe-se nestes termos: se eu fui a prostitutas, por falta de efecto, eles , Dany e Tony, favorecem a prostituição em ambiente académico, o que me parece bastante mais grave e condenável. Porque eu continuo sózinho, enquanto eles disfarçam suas misérias no ambiente académico, que nada tem que ver coma rua e seus desígnios arbitrarios. Há muita gente só e eu sou um rédito do ISCTE, da FCSH, da Católica e da Clássica de Letras. Sò isso me faz sentir muito mais superior a qualquer aluno ou discente dessas faculdades, até porque podia ser docente perfeitamente, se tivesse espírito obsceno de corrupção epistemológica...

Nessa noite de invernã, divertia-me e isso era a minha mente a funcionar ante a realidade, coisa que podia ou não podia mudar. Estava em casa, deprimido e confinado, tentando resistir. Ainda estava aqui. Dentro de seis dias acabaria este regime de reclusão a que me tinha imposto e que nem toda a gente cumpria. Estava ali, à minha sorte, livre mas não sabendo o que fazer dessa liberdade. Bebia uma cerveja e andava de um lado para o outro, da cozinha para a sala, da sala para o quarto pequeno, o estúdio.

A meio da tarde, deu-me grande cansaço neuronal, uma coisa física, uma quebra. No estúdio, os vários volumes escritos à mão como que esperavam que eu os abrisse e começasse a redigir *Uma Teoria da Sociedade*. Por cima da TV, cinco ou seis volumens das mais recentes descobertas. Não sabia se havia de guardar em local discreto esses volumes, uns mais recentes do que outros, para que pudesse passar o tempo ou deveria revelá-los ao público, abrindo o meu espírito à opinião pública, como fizera com os meus outros livros? Não sabia o que fazer.

Na verdade, a vida, a biografia, depende do uso que fazemos do tempo, sendo que se fazemos bom uso, com parcimônia e sem exageros, acabamos por encontrar mais à frente a noção de que valeu a vida a pena ser vivida e isso nos transporta para em paz para o outro lado. E é como se nunca tivéssemos existido, ainda que deixamos por cá alguma memória da nossa passagem, do lado de cá. O amor humano é o que nos faz bem e mesmo o sexo também faz, mas muitos não compreendem que quando fazemos amor nos aproximamos do âmago das forças superiores do cosmos e, enquanto uns odiam o acto porque lhe têm repugnância devido a vários fatores, outro procuram-no incessantemente, estando obcecados por ele, não sabendo ver na história que a ele conduz o encantamento e a vontade de viver (em vez da vontade de poder), fonte de bem-estar, felicidade, qualidade de vida. E muitos, a maioria, olha para trás e fica confusa, como estava avançando a toda a felicidade e vê se tem um rebate de consciência, que nada fez de jeito, mas o mundo sempre andarà assim, e não há outro remédio senão relativizar o que acontece com os outros, quando sentes que tudo fizeste em cada situação, suspeição, para te distanciores delas mesma para cima e superiormente, para te abstraíres delas mesmas.

78.

De modo que vais estando cansado da vida, do viver. Antes deste período de um ano de confinamento, que cumpri à risca, pensando bastante em não ir à Baixa, como não fui, já estava confinado a minha casa desde que a ela chegara, não contando os tempos da anterior residência na Expo. De modo que vais ficando cansado de procurar, de patinar no mesmo lugar e perdes a energia para desejar ardentemente e comesças em modo de sobrevivência, procurando não fumar e beber menos, sendo que estas coisas te ajudam a suportar tudo o resto, mesmo quando te sentas na sanita e sentes o cú molhado.

Assim, guardei os meus escritos à mão em local seguro, com uma chave selei a porta de entrada a esse meu mundo, que já pertence ao passado. Alguns dos blocos de notas tinham ainda páginas brancas e tirei um ou dois para lhe continuar a escrever nessas páginas, mas outros deixei para que outros se anotasse notas em essa páginas brancas. Foi como que um peso que saíu dos meus ombros, enquanto me preparava para delinear mais um escrito ou outro, talvez mais artigos científicos, pois não podia deixar de estar criando, recriando e enredando o meu mundo cosmologico e artístico. Enquanto ouvi música coral da era medieval na Antena 2...

Sim, fiquei velho em pouco tempo. Tinha tido uma relação nesse ano e estávamos na Primavera. Por vezes sentia a morte por perto, mas dava um coice, um solvanco, e lá continuava, evitando ir-me deitar antes que a noite exercesse o seu reinado de um dia. De uma noite, melhor dizendo. E, lembrei-me: pessoas muito bonitas parecem-me superficiais, mais, perigosas e podem andar um tempo bonitas que, um dia, de um momento para o outro, seja com o acontecimento desagradável ou com a perda de alguém querido, logo se vão abaixo e envelhecem em pouco tempo.

E é assim, quando és viçoso e bonito, elas aproximam-se; quando vais ficando velho, poucas se aproxima, ora porque não gostam do cheiro a vida, ora porque não gostam do cheiro a morte. Descomplexado te tornar e vai procurando dar um toque mais de artista na coisa, no teu vício do fumo e da bebida que te trouxeram aqui, cá, em nome da literatura e da filosofia. E, nesses dias, Manu reencontrara uma segunda juventude, após a luta contra um cancro do pâncreas, ou seja, no dia em que resolvi visitá-lo, em Riachos, depois de ter estado umas semanas sem o ver, encontrei-o com dois amigos de infância, de escola primária, O Vítolo e o Sarcástico, estava a rachar lenha um e o outro a dar a volta à cozinha que fosse pela sujidade que lá havia, quer fosse pelas imperiais que lá se encontravam engarrafadas, para lém da pintura que tinham de dar à parte principal da casa, a cozinha, que logo encontrávamos assim que entrávamos...

82.

Quando te apetece mais, demais, desistir e mandar o mundo que tens fora dos olhos, às urtigas, ergues-te como deus em causa própria, casa própria e continuas, continuas lutando e escrevendo, em causa própria que é a de muitos.

Seria, então, tarde demais para a poesia? Depois, percebi que *O Caminho*, de Escrivá de Balaguer, não era essencialmente distinto de *Máximas e Reflexões Morais*, de La Rochefoucauld...

Por outro lado, pensava nos artigos por escrever, mas lembrei-me do dito „Fazer só por fazer“ e até me descuidei dos títulos de assunto que tinha delineado há anos para passar a me importar com os títulos de assunto que tinha delineado antes de escrever aqueles oito ou nove que enviei para várias revistas de filosofia...

Liguei ao meu irmão que estava tratando do Jardim e do Figo da Índia, nos alvares de um Alentejo profundo e fiquei animado por, apensar de não ter mulhere e, depois de três semanas, me ter masturbado com porno, pensei que isso não me constituía, era uma escape, entre muitos, como a vida social, que eu não tinha o era, muitos viciam-se em amigos e esquecem-se da dimensão reflexiva e contemplativa da vida, ainda que não sejamos perfeitos para lá caminhamos com o ardor de nossas existências mais ou menos singulares, mais ou menos corretas para nós mesmos, escalando um pouco pelo status acima em termos de representação social, apenas de saber que a maior luta que podemos travar nesta vida, do lado de cá da vida, é a luta conosco mesmos, com o nosso Ego que ora se inflama ora se esvazia, bem ao gosto português, entre oito e oitenta...

E eis, então, que surgiu uma coisa nova na minha vida, um Doutorado em Linguística, fazia sentido, pois Nietzsche também tinha estudado linguística e...as palavras, tudo isso me fazia sentido, pois todo este tempo, talvez toda a minha vida, tivesse andado enredado e desenredado com as palavras. A ponta desse icebergue por descobrir era o projeto Portulan Clarin.

Vais ao supermercado e pressentes que, embora vás bem, a bem, qualquer coisa pode acontecer para modificar o teu estado de espírito, uma gaja que se ri de ti quando passas e que está a falat com o talhante. Por isso, percebo o modo de pensar dos russos, o Ocidente está cheio de traições e tramas psicológicas e muitas mulheres usam essa arma para ganhar vantagem, quiçá poder, porque não têm a força física para mandar dois tabefes na cara de alguém, a não ser que sejam mulher-homem. LOL

Além do mais, eu tenho a classe daqueles que não respondem a críticas e risinhos logo à primeira, do pé para a mão, sou ponderado até no desprezo e possuo a rara faculdade de não me desviar da rota, mesmo que ninguém me dê palmadas nas costas ou deseje boa sorte. O Hermanias tem razão, quanto a críticas, só a rajada de metralhadora, mas um homem tem de se aguentar, por vezes, risinhos e risadas são ressaibimentos de gajas que nunca foram felizes e que nunca se deram conta de uma certa contigência que atinge qualquer ser humanos. Num momento, estão rindo, noutro estão a chorar ou batem contra um carro que as esmaga, ou levam porrada em casa do marido, é isso que acontece a qualquer mulher de pouco respeito. Eis a metáfora dos dias de hoje e do pornô: o tipo tem uma planta do lado de fora, com o estore e a janela fechados. De repente, vindo do nado, um dia, corre a janela e o estore com muita violência, dá de beber à plantas e corre novamente a janela e o estore, pelo que a planta fica borbulhando de água do lado de fora. É esse o sortilégio dos dias de hoje. Gente doida.

Manu, depois de ter vencido a malária e um cancro, continuava em Riachos vivendo a vida, com bastante sabedoria e pertinácia, enquanto Lois já se tinha ido com um cancro nas costas, começaram a aparecer-lhe pólipos em todo o corpo e ele não os conseguia tirar, morria do mal ou da cura e foi o que aconteceu. Enquanto isso, Manu, que tinha a mulher entregue à sua África, divertia-se com dois amigos de infância, quando eu os meus via-os desaparecer e quase pensara que a minha hora não tardava, mas não, não pensava nisso. Se não corria, ria com a maior das vontades.

Por vezes, nas minhas deambulações fito-poéticas, pensava no drama do Charlie Sheen, cuja sala estava cheia de filmes com gajas e de como o tipo enlouqueceu com isso mesmo, com as gajas, isto é esgotante, só filmes de gajas, com uma certa pandeleirice à mistura, não há melhor maneira de se perder a vida dos objectivos político-morais e religiosas da existência, é um vício da merda ir ver pornô de três em três semanas para sujeitar o cavalo a árduos trabalhos forçados, até nisto há que ter alguma disciplina. Mais vale uma mão inchada que uma enxada na mão, para estes gajos.

Além do mais, que direi eu? Perfeito, o meu coração? Não, o da Amália e eu não sou do meio artístico, sou um tipo que sofre pela escrita e pelas ideias, sou um pensarilho, como sempre fui, não ancorando facilmente em lugar algum a não que seja para o fim, para um fim, para um sistema de pensamento que preencha os meus dias por inteiro e os atravesse de amor e delineamento de certas ideias com que o espírito prossegue no tempo, mais ou menos flácido, mais ou menos ao jeito de uma Lisboa que nos enche a alma fito-poética, convindo os respetivos espasmos protozoários...

Ainda que tivesse estudado antropologia social britânica, o meu mood nunca era muito british, a não ser pela via da french tecno com uma distante influência americana. Manu era isso mesmo, a confiança de ter depositado em mim esperança e confiança e a necessidade de corresponder, era matemático, era instintivo e eu sentia que havia correspondido, mesmo junto dos meus pais e era feliz com isso, dava-me o sentido de completude que precisava para continuar, a prosa, a filosofia e uma pitada de teologia. E lembro-me quando íamos para a festa do Avante!, na ponte 25 de Abril, com o Choupo Moting e o Lóis, o Vitor e o Fóscamon, ouvindo os Despe & Siga em „Sol da Caparica“, toda essa cena dos anos 80/90 no Frágil, no Incógnito, no Três Marias, com o Vitor Belanciano, a Susana, a Magda, a Joana, todos os tipos do ISCTE e arredores, coisa sem a qual não me considero um tipo em condições. O Quintais nunca foi muito disso, mas isso passa-lhe. Muito menos o Cafuncas, sempre calculista o garganeiro. E, Charlie Sheen, não estávamos em Hollywood. As coisas podiam ser feitas de outra maneira, sem que ficassem obcecado com gajas nuas e te respeitasses a ti próprio no que havias feito de bom no respeito por tu mesmo. Por assim dizer. Muita coisas se passava, no entanto, naquele terceiro direito...

O meu espírito abaixou-se e num voo rasante, percebeu que tinha chão, terra debaixo...

Tinha dois cigarros e há tempos que não estava com uma miúda, era repórter de uma guerra sem tiros, que na TV há a mais, demais, deles...

A filosofia enquanto beijo que escapa e que procuramos a todo o custo agarrar, pelos sentidos e sensações.

Coisas metafísicas, coisas da vida e de uma morte que pairava como corvo em Riachos ou Lisboa, símbolo de Lisboa e Lérida. Só faltava agora a GNR...

Mas...afinal, quem tem medo de Rui Reininho? Ou do Zappa Dada? São tipos que não conhecem outro pensamento senão o do pito.

Quanto a mim, continuava se sorte alguma com as mulheres, pensava em inscrever-me num doutoramento em Linguística, mas precisava de bolsa. Era uma boa alternativa ao trabalho. Há quase dois anos que não ia à Baixa.

Quanto mais sabes, menos filosofias, menos escreves, porque a tua cabeça é uma máquina de pensar em favor do que é humano e não snob, mas não abdicas do teu caminho e a meta é como que uma cereja no topo do bolo, um bolo só para ti, cheio de framboesas e morangos, chocolate, delicioso e esse acto único, pessoal, quase masturbatório, é a tua derradeira coroa de glória. E vês que nada sobre entre ti e a meta, tudo é claro, clarividente, e sentes que, no teu caminho, não prejudicaste realmente, fisicamente, ninguém. Daí a tua glória ser significativa para ti e para os outros. Mesmo que os vizinhos estejam à coca, a espiar, para ver o que tu fazes e não fazes, pensas ou dispensas, porque moveste interesse, nas flores do interesse, da intenção, porque estiveste por aqui e foste fazendo moça, influenciaste inclusivé muita gente, talvez meio-mundo e isso faz parte do jogo, é o jogo ele mesmo.

Depois, fiquei pensando num clube em Lisboa que praticasse ciclismo, para falar com algum atleta ao Manu, que finalmente estava livre da sua doença na próstata. Eu teria tempo para a minha. O meu caminho tinha tido espinhos e eu estava agora com clareza colhendo alguns frutos, o que me permitia ter alento para continuar. Voltei a correr e senti-me bem melhor, em vez de estar enfrornado em casa fumando e não falando com ninguém, fui até à Baixa, em dois anos e falei com uma conhecida atriz da TV, depois de descer o Saldanha em direção ao Marquês. Actrizes...são mais espertas que eu sei lá. O meu corpo estava solto e até a bebida me sabia bem, liguei à velhota e tive vontade de estar um pouco em Riachos, mas as coisas não estava grande coisa com o meu pai. Se calhar pensava que eu seria gay, quando era bi e já me chegava, pelo menos teoricamente. Enfim, não tinha corpo para mais...LOL

E tive de novo saudades do Domingos e do Domingues, os tempos seminais do ISCTE não me saíam da cabeça e andava revoltado por nenhum professor falar comigo, da FCSH ou da Clássica, mesmo da Católica. Engolia em seco, mesmo que ganhasse um concurso de professor de Filosofia, iria embater contra aqueles que sempre havia feito filosofia e era desses que eu tinha mais receio, não medo. Eu era antropólogo e, no bairro ou na cidade, fazia-me valer disso, dessa bolha.

Questões sobre a mente aberta, que se refere unicamente ao sexuado, e a disponibilidade de espírito bio-política, mais a referência ao Eu enquanto Ego e à linguagem enquanto desfasamento do sentido do mundo, ao lado da maçã que cai sobre a cabeça e da matéria bruta da terra e dos elementos. O ar bafeja e sente-se o cilício da felicidade, porém não se abusa, pois desde que haja consciência há já felicidade e esta é apenas um trago de champanhe, um copo de cerveja numa tasca circunstancial, en passant, entre o vislumbre das curvas de uma miúda que joga futebol de 11. Tudo isto para nem sequer ser professor de filosofia no ensino secundário, com a resslava de poder ir à América vender a obra académica e literária confeccionado por fora. Se isto não chega para a Faculdade de Letras, que se dane a Faculdade de Letras, ou o ISCTE, ou a FCSH, é esforço demasiado em alto-mar para morrer na praia. Nem os Católicos acreditam. Dizem que é porco.

Eu sabia, não era nenhum grande intelectual porque tendia a ver o aspecto sexual de todas as coisa, perverso até, cheio de pequenas perfeecções, de pequenas imperfeições e defeitos, no corpo ou no espaço em redor. Mas, pergunto-me do alto desses dias; não era esse o sal da vida, não era isso o que seria ser-se ocidental, digo mais, não era isso que era a liberdade? Deus dava-nos a inteligência e a capacidade de prazer, desde que moderada com alguma reflexão seria sem dúvida uma receita de felicidade, esperar pelo tempo certo, mesmo que fosse um pouco como o herói de Rousseau, levando risinhos e pancada pelo caminho, o objectivo era uma bela dama que só tu irias possuir por muitos e muitos anos, inveja da sociedade que olhava de través, de viés, todos esses elementos mais ou menos significativos quando na academia só via gente sem propósito nem argamassa. Isto é dizer que faria melhor? Politicamente melhor? Eu já tivera mais do que uma universidade, por três anos, à custa de muita troça e talvez não viesse a ter outra, sendo que podia muito bem ser lá fora, na Inglaterra ou na França...

Estava farto de uma cidade que não me dera nada de especial. Talvez o meu amor não se encontrasse por aqui e eu estivesse condenado a passar os dias na Ribeira do Lítém, como que condenado a um exílio na minha própria terra. A América pouco me dizia, estava farto de investir em seco, sem dinheiro, sem capital e hoje em dia, as coisas são assim, ou tens dinheiro ou nem sequer tens estudos ou doutorado. Culpava ex-professor, que não contavam comigo e até julguei a hipótese de uma casa na prai, em São Pedro de Moel.

Estava para breve a minha retirada de cena, deixei de ser o miúdo bonito de cuja ingenuidade se abusava, para ser um águia feroz e temível. Pergunto-me o que iria na cabeça do meu pai, entre a casa nova do Litém e aquelas que ajudara a construir, andava de um lado para o outro e não sabia nem queria saber o meu futuro, apenas vivia o momento, sabendo bem que não era gay nem bi, que tudo isto fora uma encenação por me ter considerado antropólogo e estar a sofrer com isso, com a indiferença das pessoas, mesmo não querendo tomar uma posição de força e poder, pois isso apenas me interessava enquanto meio para fazer algo de bem melhor, as pessoas sentirem-se bem._Estava esquecendo Dany e a sua cobardia em refugiar-se no grupo para sondar sobre mim, para me achincalhar feito macaco chinês. Se, por um lado, voltar à terra, como diza a minha prima, podia ser o princípio de algo mais feliz, podia ser, por outro lado, qualquer coisa de humilhante; quando podia ir para outro qualquer lugar do mundo, voltava a repisar um local onde poucas vezes fora feliz, a não ser com Magdalena. Aliás, porque me preocupava eu em dar quando a mim ninguém me dava ou pedia nada?

Por vezes, tentava-me silenciar pelo silêncio dos outros, pela ausência de relações a que chamamos de solidão. Mas dava meia volta e arranjava sempre mais e mais fatores para não perder a voz e projetá-la com força ao longo do ar dos dias. Andava às turras tentando saber o porquê da ira do meu pai e creio que não era somente por causa de mim, mas da vida, fui à faculdade e não me deixaram entrar na biblioteca, que precisava de um cartão de aluno, de leitor e coisa e tal, burocracias, interesses, maldisse dois ou três professores quando tudo dependia de um concurso, o meu objetivo e, antes disso, tudo dependia de ter dinheiro para defender a tese.

Tudo fazia sentiado, mas eu não conseguia descobrir a palavra mais adiante, que me podia salvar ou condenar, na cidade onde vivia não havia solidariedade para comigo, mas havia espaço para progredir, ainda que com críticas e de tipas e tipos invejosos. Não havia ética. Mas a cidade continuava a funcionar, tal qual uma geringonça desengonçada.

E, em vez de ficar silenciado, comecei a descobrir mais e mais coisas com a minha provecta inteligência mais ou menos ordenadora. Falava com poucas pessoas no bairro, ia-me sentindo um pouco triste por estar só, não longe de mim correr atrás das pessoas e pedir ajuda, ao contrário, quem ajudava era eu e eles não reconheciam, não percebiam isso. A escritora alemã deixara de aparecer, talvez tivesse ido embora e do lado oposto da casa, no lado de lá da rua principal, havia um jovem que também escrevia. Estava-o vendo agora, esfregando as mãos, procurando ideias enquanto lhes assoprava.

Apetecia-me de sistir de tudo, do doutoramento, da hipótese de dar aulas, de arranjar emprego. Mas conseguia sair de casa e sentia-me só, sem amparo nem apoio, ainda por cima gozavam comigo. E eu sósinho, sempre positivo, com um ou outro espaço de admiração e folga para ser imaginativo. Queria antes ficar com a minha escrita, não havia acção senão não dentro da minha cabeça e estava prejudicando a minha saúde, quando os outros tinham cunha ou pertencia a este ou aquele partido ou clube. Entrara desde há algum tempo num jogo desleal, lutando só por coisas que não era obviamente apenas meu património e interesse. As pessoas não percebiam isso e se percebiam não se comoviam, porque ninguém me dizia nada. Apetecia desistir deste povo dormente, que não respondia a estímulos exteriores e se arrastava pelas ruas de Lisboa, todos perdidos nas idiossincrassias de cada um, desatreitos a qualquer classificação sociológica.

Estava em crer e isso era culpa das pessoas, que depois do flagelo do COVID, aproximava-me aí outra catástrofe, desta feita um terramoto. Enquanto isso, as pessoas andava despreocupadas pesseando-se pelas ruas, sob um vulcão em eminência de rebentamento. Consequências? Pontos de vista? Não, obrigado, estava farto de contribuir para o bem coletivo e não tinha tido retorno algum. Nem que demorasse um tempo a pensar. Porque as pessoas, nomeadamente o poder, gostam que lhes lambam as botas e eu raramente o fizera, mesmo o tendo feito em tempos, não mais o queria fazer, fosse para dar aulas, fosse para escrever, fosse para o que fosse, porque eu próprio me constuía enquanto poder, mandado sob o poder a opinião e especialista independente.

Um vizinho chamara-me frustrado, as pessoas daqui têm vontade de bulício, de teatro, de acção, por isso nunca houve grandes filósofos em Portugal, porque o povo é burro, é grotesco, burlesco, gosta da confusão e sobretudo de saber que o vizinho se lixou. Nada o satisfaz mais do que saber essa notícia. Até que chega a sua hora. Frustrado? Eu? Por estudar filosofia? Por escrever? As coisas que uma pessoa tem de ouvir e tolerar, quando não é preciso uma vingança da Filosofia, esses tipos caem por si mesmos um pouco lá mais para diante e eu passo por eles e nem dou notícia da sua presença.

Sim, sentia-me condicionado. Se não desse nada, era mais um. Mas eu não era mais um. A grande parte salta por cima dos outros para se salientar, outros para se defenderem dos ataques. Parecem salmões subindo a presa. De resto, ir à Baixa, dar uma corrida, as pessoas não falam umas com as outras, esse é o desafio de todo o cientista social. Voltamos ao tempo dos caçadores recoletores. Dá vontade de rir ver tanta pessoa má e oportunista, que querem dinheiro, prestígio, fama, a todo o custo e isso não resultando de alguma forma de sacrifício, de esforço. Mundo de parasitas, mundo das concordatas. Tristeza e miséria humana em que até os letrados nada têm para dizer uns aos outros, parece que falam por si mesmos em solilóquio, no seu pedestal de falso marfim. A TV dos principais canais nada mais é senão masturbatória, sem o mínimo de alcance que respeite o telespetador. Pena é que este também não se queixe, tem de ser um punhado de jornalistas vir a defender direitos que o espetador nem sonha que tem.

Depois, quanto aos direitos humanos e minorias, a literacia cultural é baixíssima entre nós. A grande parte das pessoas não faz a mínima noção acerca de questões como igualdade, racismo, levando uma vida plena de equívocos sobre o que é dito na televisão, dois ou três chavões que não leva a nada nenhum senão para perpetuar o estado de coisas. No outro dia, um africano foi morto aqui perto de casa. A mim, provocam-me no supermercado, porque sabem que sou antropólogo. Ou não sabem, não quero saber. Pensam que vivo de grandes rendas e rendimentos. Sinceramente, a verdade é um risco, na sociedade em que vivemos e não vejo muitos jovens interessados em melhorar a vida social, a maior parte encosta-se aos mais velhos ou uns aos outros e vêem a vida como um palco de divertimento sem norte, de bullying constante paara com os outros, o Outro.

Ninguém quer parecer racista, mas a verdade é que muitos são racistas, antes de mais em direção aos negros, que por sua vez se fazem de vítimas. Ninguém quer ser associado a movimentos como o Chega!, mas querem saber o que se passa porque estão de ânsias pela guerra, transferindo a sua confusão para os outros, para os políticos, que não maior parte dos casos são incompetentes para resolver certas questões. Está tudo nas mãos dos políticos, quando não está, a maioria são palhaços convenientes para o exercício de uma TV de lazer, lassidão e laxismo, que só entretém e desvia das verdadeiras questões. Por exemplo, já que falam de racismo, entrevistem em fundo um antropólogo. Ele, se for esclarecido, lá vos dirá o que é ou não é o racismo e os equívocos que há na opinião do vulgo sobre isso.

Diria mesmo que, ao contrário dos países nórdicos, que quase todos vêm como modelo, em Portugal não há um projeto de sociedade. Os políticos não falam nisso e os cientistas sociais estão sempre na expectativa, a ver o que, pois vivem da análise a posteriori do dados. Nem mesmo um Miguel Vale de Almeida tem a noção de como melhorar a sociedade, diverte-se a ver o que acontece. Anda tudo no reino do deixa andar e agora com a pandemia estão quase todos meio-mortos. Aí se encontra uma falsa noção de felicidade, que vem do desernamento das emoções. Os homens, na sua maioria, são destravados, descontrolados e não são exigentes consigo mesmos, aceitam tudo o que se lhe diz, preferindo com medo da solidão, ir para a taberna. Não há motivação para nada, o pior é que elas, na sua grande parte, ou são ôcas ou formalmente exigentes, sendo difícil neste reino encontrar uma mulher de valor, física e intelectualmente. É o reino da perversidade das relações, eivado de sexo e transgressão, de sacanice e extorsão das identidades mais sibilinas. Todos têm opinião porque vivem no medo e têm medo do que é estrangeiro, adoptam-no logo, mas logo se vão abaixo com ele.

III.

Há um velho adágio que diz, „casa sem pão, todos ralham e ninguém tem razão“. Já havia citado isto algures, ou seja, os brancos julgam-se superiores e os negros julgam-se inferiores e isto nunca pára e nem sequer é a nacionalidade que está em casa. Há racismo por toda a parte, porém não há racismo, porque o que a opinião dá por uma mão tira por outra. Porque é que eu hei-de sentir o Outro, seja negro seja chinês, como inferior? Talvez pelas razões económicas. Não há um racismo de religião, que advém da diferença e do facto de nem todos termos a mesma religião? O branco foi civilizar o negro, o Oriental? Não se reduz tudo à economia e à troca comercial? É porque nem todos estão bem na sua pele o racismo parte tanto de quem se sente superior quanto de quem se sente inferior. Ou não será assim? Porque, no mar profundo, há animais que se acoplam a outros, maiores, para sobreviverem? Eu veja a questão nesses termos. Se o africano não gostava do branco, porque aceitou ser submetido? Veja-se o caso americano. Há tanto lucro económico no racismo quanto no não-racismo, na tolerância, porque a questão não é de cor, é meramente económica e tem que ver com a repartição de meios, poder, subsistência. Eu, por exemplo, não sou racista, mas tenho vida de preto e quem quer ver mal nas minhas palavras é porque está a provocar ou nunca me quis bem. Mesmo que não te sintas racista, não podes vencer a turba que te apelida dessa forma... Quando era pequeno, dizia-se na escola: „Eu cá não sou racista, tanto aperto a mão a um branco que o pescoço a um preto“. Isto é racismo? É, e daí. O que é afinal o racismo senão um pretexto para a confusão? Não será tudo confusão à flor da pele? Vocês não conseguem ir mais longe, mais fundo, ao âmago das relações históricas e culturais. A questão do racismo não é literária, mas cultural, antropológica e quão são superficiais a maioria das pessoas.

Procura suplantar as críticas. Entra por um ouvido e sai por outro, como diz o povo. E não te queira como representando um povo, condoído. Muitos delegam nos outros o lixo senti-mental que alimentam face a eles mesmos e o povo é coisa mais érfida e negativa que existe, assim como já também retira. Vive nas tuas certezas, no teu íntimo procura ser feliz sem teres de demonstrar nada, essas coisas com que as pessoas dizem que são felizes e que, no fundo, as escravizam: status, mulheres, fama.

E cheguei ao ponto de não quer nada do que os outros tinham, apenas viver a minha particular vida, e não querer ser nada do que os outros era. Decidi dedicar-me à poesia, depois talvez à pintura. Procurava disfarçar a imensa solidão que sentia, quase impedido de ir a Riachos. A uma conclusão eu cheguei nesse dia: se não deves fazer trabalho de campo sózinho em antropologia, também a aventura da filosofia não a deves fazer sózinho. Nessa tarde de primavera, em que o COVID estava em regressão, ouvi a minha mãe e o meu irmão dizerem-me que ainda ia a tempo, eu, que dera tanta pancada, estava cheio de sono e procurava não dormir, fora à Baixa no dia anterior e ia ficando por casa, algo desalentado, sem procurar na minha mente motivos para fazer alguma coisa ou me sentir de determinada maneira.

Acordo quase no final da tarde. Não estou no convento, estou do lado de cá, fincando os dedos no vidro da janela fazendo força. Digamos que fui tão longe tão longe, em certas épocas da minha vida, que não encontrei ninguém para me segurar por lá, pelo que tive de voltar para lá, daí se justificar a minha atual falta de pedantismo acadêmico, sem necessidade de recorrer aos mais diversos autores e me colar a eles, constituindo, construindo, a minha própria obra autoral. Ainda andava de um lado para o outro, tentando acabar este livro para partir para nova etapa. Já saía um pouco mais e o confinamento quase desaparecera. É claro que odiava estar em casa, mas sair sem destino, era a mesma coisa frustrante.

Seria este o livro que ninguém leria, como *A Forja*, ao fim de tantos e tantos livros, tanto e tanto tempo? O que é certo é que eu ainda estava vivo e atuante, o cilício fazia-se sentir... Depois, senti-me estranho depois do sol de Moscat, e estranho pelo amor de uma jovem de vinte anos. Sim, sentia-me estranho, bebia mais um copo, o sol aprazível do meu da tarde na minha cabeça era a inveja de eu estar em casa e não ter vontade de sair, como se me estivesse condenando a um terno e terno destorro em minha casa....

O reino da praticidade e do estar aí, aqui, no momento, do fazer em vez do pensar...essa era a maior ditadura que eu sentia, como se fossem todos, quase todos, máquinas, bonecos de ensacar numa lógica que era a da pressa, do provar ao vizinho que faço isto e aquilo, coisa para mim bastante ténue e inútil, ou seja, ninguém gostava de literatura tanto quanto eu.

Há quem, por um pensamento, conduza a sua vida. Há quem, por mil pensamentos fique atónito ante s incomensurabilidade do real e procure ser mais humilde ante essa realidade. Essa diferença é a diferença que há entre ricos e pobres, entre chios de conteúdo e vazios da alma, isso sempre haverá neste mundo. Depois, os intelectuais bafientos, os arejados porque são anarcas e têm o lugar seguro na academia, o que lhe permite serem irresponsáveis em toda a linha, sem o mínimo de ciência, de cientificidade, de respeito pelo outro.

Depois, o frequente hábito da adesão a tudo e mais alguma coisa, ter-me-ia feito descer em desconsideração. Por isso, não ia com tanto sede ao pote, como dantes... Eu ainda precisava de ser resgatado, mas habituara-me àquela vida sem sentido, que me tirava da Baixa e do parque das Nações, onde passeava sem norte, desalmado, para uma vida retido em casa, ainda que o confinamento tivesse já terminado, andando de um lado para o outro, fumando, bebendo cerveja, cavando mais qualquer coisa no meu espírito que me fizesse chegar a uma vida literária de um relativo sucesso para dar sentido, enchimento ao meu quotidiano vazio. Seria um alienado? Talvez. Um alienado voluntário.

Tinha a possibilidade de afzer, com bolsa, um novo doutoramento, fosse na Faculdade Nova, fosse na Faculdade de Ciências. Mas ainda estava a tempo de discutir a tese e isso ainda me mantinha de pé. Naquele dia, eu ainda me aguentava de pé, ainda reconhecia em mim, Taigen lutador, ante um chorillho de críticas que talvez fosse réstia da muita inveja que eu provocava, não sabia porquê. Liguei para a minha mãe, queria passar o fim de semana em Riachos, mas ela impediu-me, talvez devido ao estado de espírito do meu pai. A minha mãe ainda acreditava em mim, os meus irmãos também e ainda que não tivesse amigos figadais em Lisboa, talvez não tivesse assim tanto inimigos, devido à minha conduta mais ou menos correta de figura pública, devido ao meu valor social na sociedade em questão.

Eu era lançado para a escrita e mesmo que não quisesse, esse era o meu trabalho, não que nunca tivesse procurado outro trabalho. Foi este que me foi sendo atribuído

pelo tempo, talvez por mim mesmo, talvez pela sociedade. E acontece que muitas pessoas só se tornam boas quando enfrentam a morte, quando vêm a senhora com a gadanha chegar perto deles para os ceifar. Foi o que se passou comigo, não que eu tenha sido mau por natureza. Apenas fiz algumas coisas más, nocivas antes de mais para mim mesmo. O cheiro a pinho e a carvão da escola salvara-me naquele dia, sentia que estava, uma vez mais, no caminho certo para trilhar, a bendizer.

Algum dia voltaria de novo ao convívio com as minhas personagens ou continuaria submerso no meu Eu, no meu Ego, „até isto tudo passar“? Esperava, então, no meio de uma cerveja e dois ou três cigarros, a minha vez na inspiração do rol dos poetas, dos cientistas em crise de meia idade como eu. O meu facies estava um pouco estragado, eu fora em tempos um tipo bastante atraente que raramente tivera tirado partido disso. Quase velho, continuava a minha demanda, da escrita que me deixava velho, de princípio e razões que, creio e assim o desejava, podiam fazer efeito a qualquer um, em qualquer um. E a minha mãe fora chamada pela professora porque eu não queria ter educação física.

121.

„You're in the Army now“....

Talvez estivesse, sim, numa certa missão e não era de todo egoísta....

O sol batia lá fora. Havia mais um escritor perto de mim, desta feita do lado da frente da casa. Via-o de quando em vez, à meia noite. Era novo. Escreveria literatura ou seria mais um cientista social perdido, como eu, perdido dos seus, em grande parte por culpa sua, por ser um especial que viera do seminário, como Josué, que já escola secundária escrevia os seus argumentos, para seus personagens, tal como nós? Não fôramos assim tão pioneiros e esse sentimento dava-nos paz, felicidade, até.

No ano passada, apenas estivera com uma mulher, no início do ano. Passara esse tempo todo de COVID e ...nada, até ao início do ano, mais uma mulher, enquanto outros eram bem mais porcos, eicados de sociedade e coisas assim, inseridos e quanto mais inseridos mais porcos. Se fosse bem a ver, eu era o maior santinho da comuna, porque mesmo aqueles que tinham o amor doentio das suas mulheres, casando, etc e tal, procuravam fora das formas de outra o que não tinham em casa. Por outro lado, país de místicos, que desdenhavam qualquer tipo ou pensamento filosófico.

De resto, ando à procura desta coisa que é Portugal. E de uma espécie de mobilização a partir disso. Ou antes disso, ficando à ré, perto do mar que nos consome e borbulha o Ego, que nos traz a casa com um sentimento de paz e nos faz tornar banal qualquer forma de maravilhoso, estendendo-o nos dias para que sejamos mais fortes, aqui, perto da América, face a face a Nova Iorque.

Em tudo isto, um sentimento de injustiça grassava sobre mim, quando sabia que era melhor que a maior parte dos escritores da praça, até de um Logo Antunes e outros mais, que tinha produzido mais e com mais valor, siguzagueando entre vários registo, numa forma camaleónica e brilhante de ser e de escrever... Por isso, não intervinha, passava o tempo a ver o que se passava diante dos meus olhos...

Então, porque estaria sózinho? Telefonava para a minha mãe, tentando conversar um pouco com ele, e dizia-me que ficasse em Lisboa, só que para mim ficar em Lisboa era ficar no apartamento, pois não saía à Baixa, ao oriente, porque não tinha ninguém com que me encontrar. A minha vida era um degredo e a doença estava no seu pico, juntando a depressão que me assolara há meses, quando percebi que estava só, em Lisboa e Riachos. Teria isto que ver com as coisas que havia escrito? Teria de „fugir“ para outro contexto, como se fosse um criminoso?

Naquele fim de tarde, sofria dos dentes, mas também do coração. Parecia que ninguém se importava comigo. Não era parença, dir-me-ia minha mãe, era realidade. As pessoas estavam-se a borriar comigo. E isso dava-me vantagem para fazer um certo número de coisas, enquanto via futebol...

No meio desses dias, oscilando entre a casa e a Baixa, descobri um segredo, talvez a solução para grande parte das maleitas mentais que vamos sofrendo neste retângulo à beira-mar: a solução para muitas maleitas mentais é guarda e acarinhar um objecto exterior ao corpo, à mente, que possa tocar e sentir, mas que não seja humano, pois isso vicia, ou seja, o sexo vicia a bateria e a junta da cabeça, como diz o meu irmão. Mas, mesmo assim, não é fácil manter a exterioridade desse objecto, que pode ser um animal, um cãozinho ou um gatinha, algo exterior que nos assegura a ligação ao mundo num tempo de panpsiquismo ou espinosismo que muitas das vezes também é doentio, também vicia.

Apetecia-me ir até Riachos, estar no meio da natureza, perto da minha mãe, descomprimir um pouco desse stress de nada fazer, diziam os outros, mas que eu preenchia com muita coisa válida. Mas ela não queria que eu fosse, meu pai também não queria e permaneceria mais uns dias em estado de emergência em Lisboa, inclusivé até à Páscoa. Em todo este tempo, ninguém falava comigo, ninguém me telefonava e eu falava apenas ora com o meu irmão ou a minha mãe, quando lhes ligava. Se me deixasse ir abaixo, seria ainda bem pior, pois não tinha quem me valesse em hora de aflição.

E eis que não chegavam as medidas que nos apertavam os calcanhares, quanto ao COVID-19, aí estava, mais onze dias de restrição da circulação entre concelhos, o que na prática eram mais onze dias de confinamento. Não sei não, estava bastante agitado por estar sempre em casa, até fui ao aeroporto, talvez fosse correr, mas continuava agitado, ansioso e sentia-me bastante só. Sim, estava cansado de estar só, na rua todas as críticas se me cravavam nas costas como punhais e eu não tinha muito por onde andar, muito por me defender. Mais onze dias...como iria eu aguentar? Se ao menos tivesse uma miúda com quem falar...

A pouco e pouco, fui perecendo a lógica dos habitantes de Lisboa, grande parte deles não tinha coração, metia dó, eram como que autómatos da libido aos serviço dos seus interesses e ambições temporais. Andei muito tempo sem dizer mal delas, mas agora tinha o direito de dizer, pois fora durante muitos anos discriminado, como outros, no acesso à cultura, no acesso ao trabalho. E conseguia perceber porque muitos „fugiam“ para o Porto ante esta gente teimosamente destrambelhada. Era o cosmopolitismo? Não, era a burrice e a maldade descarada.

Eu estava, por aqueles tempos, numa situação. Só a bebida me fazia companhia. Por vezes andava a raiar a bebedeira, mas refriava e volta ao normal em pouco segundos. Não bastava a discriminação de que era alvo em Lisboa, que se verificava na falta de interesse das mulheres em mim, para não poder ir a Riachos, nem sequer para a Páscoa, porque o meu pai chateava a minha mãe e tanto o meu irmão quanto a minha irmã acham que eu chateava a minha mãe, sacudindo assim facilmente a água do capote. De modo que tinha de ficar em Lisboa. Mas a coisa não ia ficar assim. Dentro de dias talvez apanhasse o comboio e voltasse à aldeia, à ideia da fabricação da aldeia por mim mesmo, que tinha direio em frequentar sem pruridos antropológicos...

Depois, pensava nos meus concorrentes, para não dizer, adversários: Agualisa, Mia Couto, que não eram antropólogos e no entanto era como se o fossem. Lobo Antunes, ainda vivo, saramago, já falecido. Tinha consciência de que era melhor escritor do que qualquer um deles, embora não fosse apenas senão mais um antropólogo tentando escrever prosa. No entanto, permanecia relativamente desconhecido, sem um grande contrato que me desse a visibilidade necessária para chegar ao grande público. Muita gente não gostava de mim, por isso me discriminava e a coisa chegava à televisão. Que adiantaria estar fazendo a máxima força, o máximo trabalho e talento, se as pessoas não gostavam de ti? Em outro momento, dali a uns anos, a uns meses, poderiam vir a gostar. Isso era um pensamento ingénuo, pois a primeira impressão é aquela que vale...

Eu não desafio o espaço em meu redor, porque o compreendo, por isso acabo por absorvê-lo para me tornar mais forte. Ainda que em casa, as energias da rua atravessam as duras e grossas paredes do prédio e instalam-se ao meu redor, aos meus pés, eu domino essas forças e entendo-as, sou eu mesmo puxando por mim, amando a minha mãe através dos sentidos, por tudo o que ela passa, por tudo o que ela por mim chora...

A minha cara está vermelha, depois de fazer a barba, vermelha talvez, como a de Hulk. Lembro-me dos tempos de juventude em que era um sujeito bonito. Nunca me aproveitei grandemente com isso, antes queria uma ciência metafísica ao meu redor, que o meu Ser largava e desleixava para os Outros, que na maior parte das vezes se aproveitavam disso, das minhas ideias, não só para me pôr de parte como para praguejar contra mim. É complicado ficar simpático quando te cortam as pernas, quando não te não apoio institucional e é óbvio que se tornas um personagem pária que, no entanto, faz geito a muita gente...

E estávamos aqui, minha linda, tu e eu, tu revirando os olhos e eu apenas preso por ti a tua beleza, mas isso demorou pouco, pois percebi que já tinha passado por ti algures nesta corrida, bem aos 18 quilómetros e isto não é como começa, mas como acaba, ou seja, não é uma partida de xadrez mas um corrida de fundo, em que eu vou bastante à frente e a ponto de terminar. O mundo ocidental assenta na teoria da felicidade: Todos procuram definir essa teoria a partir da sua experiência, enquanto aqueles que são feridos pela sociedade apenas a querem viver em paz, longe de tudo, sendo que a teoria do convento faz todo o sentido; muitos gostariam de para lá ir a certo momento, em dado instante da sua vida, mas nem todos têm a coragem de ir, seja porque receiam a solidão metafísica e religiosa, podendo decidir matar-se a qualquer instante indeterminado, seja porque têm seus laços nesta vida, do lado de cá, nas teias que a cidade tece, sobretudo feitas de expetantes esperanças de uma vida melhor...

No fundo, de mim mesmo e das ideias que os outros tinham de mim mesmo, a minha mãe era a minha última e derradeira ligação com o mundo, que eu havia e“estragado“ tornando-me escritor. Mas, agora, não podia parar, era isso que firmava os meus dedos na terra que me amparava... Quanto ao meu pai, também o admirava e acho que foi sendo saco de porrada para encher de muita minha frustração, em diversos momentos da vida. Entendo a sua tendência para virar a cara, se refugiar nos amigos e nas patuscadas, nós nunca fizemos nada que fosse de encontro à sua linha de pensamento... Depois, podes pensar em termos filosóficos e psicológicos, queres fazer uma criança feliz? Dá-lhe responsabilidade sob a forma de diversas tarefas, ela aprenderá a ser responsável até do seu próprio destino. O meu pai raramente fez isso comigo, eu apercebia-me que ora concentrada tudo nele, ora passava aos meus irmãos, via ele ao meu irmão, via minha mãe à minha irmã. Por isso fui criando o meu próprio destino, as minhas próprias responsabilidades...

Estava diante de mim: „Elegia para um maço de tabaco“. Ainda por abrir, descobri que queria mesmo deixar de fumar. Mas não conseguia, o tabaco era o vão da minha existência solitária, sem ter com quem falar no reduto de uma costumeira razão de prazer e confessionalidade. Tudo bem. Já viste que o *Co'a Verdade m'enganas* dá na RTP Memória no mesmo horário que em tempos idos, quando foi lançado, por aí em 97? Liguei à minha mãe, um pouco de Lisboa para ela, embora fosse cidade de mouros... Muitos queriam esconder isso do resto do mundo, mas Lisboa era a capital mourisca da Europa. Eu tinha uma certa vergonha nisso.... e de ter o meu corpo alojado nesta cidade, que não me dera nada que eu não tivesse conquistado por mérito próprio, cidade de viciosos e drogados. Nem sabia porque é que continuava a dar esperança a esta gente, investimento sem retorno. Era isto que eu sentia, antes de mais se porque prezavam tanto a companhia, não me faziam senão uma puta duma companhia...Não via nenhum escritor a dizer com coragem o que pensava da sua cidade...Porque as pessoas gostas de ser ensaboadas para se sentirem vivas, porque não são do norte...De resto, de que vales acusar os outros de falta de ética, quando eles não têm ética?

Mais um dia, mais um fim de semana. Estou bem disposto, mas as obsessões atacam logo, como uma grande dor de dentes, limpeza do corpo e do espaço em redor. Tento resistir, desistir, persistir no meio e através disso tudo. A luz do sol e as vozes da rua impelem-me a tomar um café. Comprei uma pequena porção dele. Dá para dois dias. Lembrando, através da TV, as aulas do Professor Pasteleiro sobre Gil Vicente...

Nada há como a natureza, a natura naturans, na cidade. É uma alegria enorme, como se o sol, posto e levantado, entrasse dentro do peito e recuperasse, iluminando, as noites e zonas escuras, do coração da mente, inflando de sangue novo todos os órgãos do corpo, aí o corpo social, por inerência ao individual, está pronto a nascer de novo e ampliar-se ante precisamente essa natureza em flor, natura naturans.

Eu penso assim. Gosto muito de filosofia, traz o reverso do pensamento distorcido e coloca-o no lado correto da ação. Mas...não é a filosofia um pouco irresponsável quanto, por exemplo, à antropologia e sociologia, quanto à realidade social? Mudando de assunto, havia desemprego em Portugal e as escolas estavam precisando de contínuos, o que se chama agora de assistente operacional. Uma profissão bonita, de resto.

E a vida, este breve trecho de tempo que passamos e que constitui a nossa exist-encia, não é ele sobretudo espera? Espera do Todo, de qualquer coisa, do Todo que há no nosso interior, de uma constante luta entre Bem e Mal no interior de nós mesmos e no corpo social? É isso que adensa e propulsiona o acontecimento, seja popular, seja avant-garde? De resto, o mundo não é como nos pintam os noticiários. Quando muito é a ponta do icebergue. Mas o jornalista não aprofunda, não é antropólogo nem sociólogo, ele apenas reage por impulsos e muita vez compete com o teórico social, porque tentou ser cientista social e não conseguiu, a pressão do momento fá-lo cavalgar de acontecimento em acontecimento, sem descanso. Quando não encontra a paz, refugia-se na literatura, mas aí já não vai a tempo de mudar o mundo...

E estava ali, retido em casa, depois do almoço. Muito havia dado a esta sociedade e muito pouco havia recebido, não queria prémios, jamais, queria descanso e a oportunidade de poder continuar o meu trabalho e, ao menos, sair da solidão em que me encontrava. Apago a TV e tudo se esvazia, ao mesmo tempo que se enche de sentido. Oiço as piadas lá de fora, os risinhos nevróticos de uma tipa e procuro pensar que não é comigo, fecho uma ou duas janelas e concentro-me nesta sociedade que nada me deu e à qual eu continuo a dar, a investir, ainda que não seja em dinheiro, cientista social raramente fica rico. Mas os portugueses estão ricos, de outra maneira não estariam calados, valha-nos o Aldeia Ideia, que vai à TV e nada ganha com isso. Ou até ganha, só que nada diz a ninguém.

E eu aqui, desgastando-me, em mais uma obra e nem um sinal de solidariedade ou apoio declarado, apenas uma admiração que eu dispenso, porque tomaram eles ser como eu sou, sempre absorvendo e dando e troca, nada guardando para si mesmo. Dá vontade de rir, não fosse eu suficientemente resistente, resiliente. E olho para o Monistro da Educação: quanto mais competente e simpático, mais desdém provoca das pessoas. Interesses, corporações, Opus Dei e Maçonaria, novos partidos, novos interesses, tudo quer comer e não está nunca satisfeito. Portugal tornou-se num circo de céu aberto, num círculo de quejandos à toa, cada um para seu lado...

Os legumes salteados deram-me a volta ao estômago. Já ontem estava com dores. Hoje, deu-me uma quase diarreia, que até saiu sangue do cú, conforme limpeva as três vezes do costume. Se queres conhecer a natureza humana, tenta observar alguém a limpar o cú depois de cagar. Não há teoria que resista e mesmo que tentemos todos puxar para cima, mais vale puxar para o meio. O tiro sai mais certo.

Se eu quisesse, por outro lado, ser deputado à assembleia legislativa, ser um advogado de renome, porque a cabeça das pessoas está feita assim, já o tinha sido há muito tempo. Agora, depois do meu trabalho de divulgação, já os antropólogos começam a ser reconhecido, sobretudo sob a noção de globalização. Mas nem todos estão cientes disso ou têm a competência devida. Por outro lado, vendo bem as coisas, o grande desafio desta epidemia, não é propriamente o vírus, mas a tentativa de doença mental que o governo impõe, ou seja, se não tivermos resistência a nível mental, acabamos por tomar o vírus, de uma maneira ou de outra, e sucumbirmos mentalmente, que é, digamos, um dos danos colaterais do confinamento.

Por outra via, podemos pôr-nos a seguinte questão: o génio artísitco, seja no cinema seja nas artes plásticas, provém de uma certa visão profana, laica, do mundo da vida, ou terá que vem com algo sagrado? Não é a obra de arte o lócus onde sagrado e profano se misturam nos termos da produção de qualquer objecto, peça, filme, poema, com vista à contemplação estética do Outro? Não é o Outro o deus que propulsiona o Ego a sentir-se prenehe da realidade e assim lhe dar um presente dela mesma?

Mais uma vez só. No entanto, conheci Rita, da cidade vizinha de Sacor. A lembrança dela ajuda-me a prosseguir a minha jornada, de um lado para o outro no interior de uma casa. Cansado, com dores nos rins, fígado e pulmões, achei bem, mesmo depois de dormir, dormir de novo, quando dava um jogo da seleção. Não havia saído, nem baixa, nem Aeroporto, nem Expo...

A tormenta sempre aparece, mais tarde ou mais cedo. O que importa é o que tu fazes com isso, a atitude face a uma situação desfavorável na tua vida, entranhado no teu quotidiano, como um hábito de um monge da Cartuxa. O que interessa não é o que acontece, mesmo no mundo social há qualquer coisa de sempre novo a acontecer, importa o que fazes com isso e o lugar de felicidade que ocupas. Depois, interrogas-te como é que passaste todo este tempo sem casa, sem ter filhos, sem te comprometeres, quando, eras, apesar de tudo, um homem do meio. Se calhar nenhuma era boa para ti, apesar da visceralidade da tua sexualidade. Talvez por causa disso mesmo.

Olho para os meus ex-professores e penso neles. Tiveram uma oportunidade e eu não tive, nomeadamente de dar aulas, de constituir, no quotidiano, um espaço de lecionação. Talvez agora não vá a tempo nem me importe com isso, ainda do lado de cá. A buzina da ambulância dá de si, mais um velhote com ataques e achaques terminais. Depois, a fatalidade do turismo e a dependência que temos do olhar e estância dos outros, nomeadamente os do norte da Europa, incluindo a França. Ninguém sabe o que vai, vai ao sabor do vento e das ondas sem saber que está tentando sobreviver, não sufocar neste mundo de excesso de referências e conteúdo. Eu cá fico-me por este registo.

As pessoas preferem a vergonha à exposição do desejo, como se não pudesse conter a sua intrínseca poesia. Muitos queriam cortar-me os dedos par não mais tocar piano.

Escrever exige disponibilidade de espírito, porventura deixar um trabalho e uma carreira para trás, como também a afetividade. E nem todos estão dispostos a abdicar disso tudo, tal a pressão que sentem por parte da sociedade. E nem todos aguentam essa pressão, envelhecendo em pouco tempo. De resto, de tanto acertar, tornamo-nos tortos; de tão direito, entortamos, sendo que ser direito não diz nada sobre a vida, seu valor, sua solicitude, enquanto o ser torto diz mais sobre a tendência, pendência, para o Outro, para a humanidade que ele tem ou não tem em nado momento.

O mundo está cheio de profanos, daqueles que nunca entraram num convento, ou num cemitério, locais onde há mais vida do que parece, porque aí se levantam as memórias do poeta. Passa uma mosca diante dos meus olhos. Garota jeitosa aquela que estava acompanhada por um teenager inconsciente. É isso que me dói mais, como a muitos, as mulheres, a reafirmação da densidade num espaço limitado, delimitado a poucos quilómetros e que ainda assim foge por entre os dedos na prais de areia branca...

É uma brasileira. E então? Pelo menos são mais meiguinhas e percebem mais dos prazeres, as portuguesas têm outras preocupações e estão densas, preocupadas, raladas, deprimidas diria até, a exemplo das francesas e espanholas. O desenvolvimento, neste capitalismo afetivo, redundando em grandes problemas psicológicos. Diria até que a liberdade, quanto conquistada, sob a forma de iniciativa individual, torna-nos doentes mentais, psicómetros, psicanalisáveis, porque não temos de dar cavaco a ninguém e fazemos o lugar de Deus, mesmo que não sejamos criadores, somos usurpadores de um determinado espaço, sentido, em que não devemos tocar nunca para ficarmos íntegros do lado de cá...

E eu continuava bebendo, não exageradamente, com alguns limites, e de mulheres nada, andava envolvido com uma brasileira ao mesmo tempo que com uma portuguesa, mas cama, que era o que queria, não acontecia. Tinha palpitando a esperança de não passar mais um ano sem me deitar com alguém e talvez não estivesse longe da verdade, que para homem solteiro deixar a cama fria é o pior que há, mesmo sendo filósofo.

O Colinas lá continuava doente e eu achei por bem perguntar-lhe alguma coisa e nada ao Danny, que nem facebook tinha. Mesmo assim, a minha cabeça andava às voltas, podia estar perfeitamente há anos a dar aulas em qualquer universidade que ministrasse antropologia ou filosofia, mas não...continuava a patinar no mesmo lugar, escrevendo indefinidamente, carente afetivamente. Garotos...uma cambada de garotos os professores que tinha encontrado, não tinham memória, nem ética, não tinham nada, viam a coisa pelo interesse político e sua idiosincrasia, não pelo texto em si e isso deixava-me triste, mas, curiosamente, não frustrado. Porque eu já tivera a minha universidade bem cedo, o meu convento, e eles ainda andavam entretidos na academia sem terem ido ao convento sequer...

Regressava a casa, depois de uma Seve-Up, uma cerveja e um Martini, sem expectativa alguma. Aprendi que na ciência social, se deve ser neutro. Pois essa neutralidade me levava sózinho quase todos os dias até ao dia de hoje, em que decidi ser um romântico, mergulhar no mar do senso-comum e diso viver, pois não vislumbrava ninguém com o meu escopo. O passado ficara lá atrás e eu ainda procurava amigos, sem saber que os tinha, no bairro, que se esfumou como coisa antropológica para passar a ser qualquer coisa dos termos de um felicidade inaudita, coisa que nenhum cientista conseguia almejar conseguir...

Pela primeira vez, perto do fim, estava tendo dificuldades em acabar um livro. Todos os outros que haviam saído mais ou menos escorritos, cativantes. Mas não, desta vez não conseguia, ainda que tivesse muita ideia e propósito na minha ideia. Fiz uma ometele de legumes salteados. A TV estava acesa. A minha mãe fraquejava e deva-lhe o sono. O meu pai lá se aguentava. Jurei que iria às trombas de Danny caso aparecesse no funeral do meu pai. Quanto mais da minha mãe, que talvez durasse mais do que eu, flagelado, quase sem desejo, mas ainda assim vivo, até ao último minuto e segundo. Estava aqui pensando, comigo, de como não o conseguia esquecer, de como Colinas era um saloio e mais frustrado do que eu, entre muitos na aldeia, que por lá haviam ficado. Ainda assim, eu teria sido o mais bem sucedido, ainda que sem certas coisas. Eles não diziam nada: iria eu alimentar alguma espécie de memória em relação a eles?...Ainda que em Lisboa também estivesse esquecido. Iria, então, preocupar-me mais, dar por dar quando ninguém me dava nada a mim, a não ser os meus irmãos?

Ainda assim, ouvia falar em neurosífilis. Ainda estamos na coisa a que chamamos mundo? Fui perdendo o interesse, ao pensar no que se transformou de paraíso garantido em inferno constante, a ida constante entre Riachos e Lisboa.

Se eu fosse a contar as minhas preocupações, não me preocupava com os meus, que é com quem me devo preocupar. Há gente que lê os meus livros para me assinalar, mas não fizeram o mesmo, em campo aberto. O meu lema desses dias era „antes quebrar que torcer“. Os meus inimigos moíam-me a cabeça, tinha tanto em Riachos quanto em Lisboa, uns visíveis à luz clara e clarividente, outros encobertos por um manto de sombra e malvadez.

Já me doía escrever. Por isso pausei um pouco os meus pensamentos e fui ver o jogo da seleção. Passei todo o dia pensando no ISCTE, nos professores, nos colegas, pensando também na FCSH, onde havia estado até mais tempo que no local da minha inicial formação. A Católica já não me dizia nada, porque eles não me diziam nada, nem uns nem outros. Nunca dera uma partida como perdida, mas desta vez não se tratava de uma partida, mas algo mais como o meu conceito social, a minha representação social. E, pensava, a culpa de eu não estar melhor, no caso ter um bom emprego, não é só minha, eu bem procurei, mas parece-me que desde cedo estaria votado à indiferença, por ser bom, por ter estado ligado à religião, quando a religião ou os católicos daqui, não querem saber de mim.

Ainda pensava no jovem que, no ISCTE, protegido pelo seu grupo, me chamara uma merda. Pois, mas quem bateu o pé ao departamento fui eu, talvez mesmo a todo o ISCTE. E à FCSH, à Católica e agora faltava a Clássica. Para bem ou para bem, não me quiseram por lá e creio que quem ficou a prejudicar foi a instituição, não eu, que posso procurar fazer a minha actividade por outro lado enquanto pesquisador independente. Pena é que gostava de ser professor, e tinha vocação para isso, o Victor dizia que não, mas eu tinha. Num pequeno apartamento, numa pequena casa. Talvez ainda esteja à procura disso... E sem entrar no sistema judicial, que é o que devia ser.

O conflito das faculdades não me saía da cabeça, nem a dependência face aos meus irmãos. Estava extremamente zangado, transtornado até. Outros, com as minhas razões, facilmente teriam ido a tribunal pelo que me haviam feito. Mas eu não, procurava cada vez mais razões para o fazer, daí o meu mérito. Muita gente não gostava de mim e eu egia só, ainda só, sempre só, não sei bem em busco do quê, talvez uma espécie de justiça para mim mesmo, um trabalho. Mas se não foi a bem, não seria a mal, não valia a pena.

Depois, ao fim de algum tempo, fui percebendo porque não me davam emprego, havia um certo e determinado anátema quanto à minha pessoa quer por ver porno quer por ter estado na psiquiatria. Talvez julgasse que não daria um bom professor de filosofia ou antropologia, talvez apenas não gostassem de mim, talvez fosse apenas uma escolha deles, estando eu fora dos interesses por devidamente ético. Esqueciam-se que quem fodia eram eles, por isso mais condenação mereciam do que eu, estavam imersos no pântano da corrupção, enquanto eu estava, a todos os termos, livres disso, ainda que falido tinha a minha honra. Lamento dizer isto, mas a universidade é uma mama para muita gente. O que me leva a dizer isto? Para a maior parte das pessoas que encontrei, a universidade não era uma causa, mas um tacho, um modo de vida, um sustento. Isto é lamentável, porque eu andei fora da universidade fazendo filosofia e antropologia e ao fim de contas pouco lucrei com isso. Mas, ainda, tudo depende de mim, embora me sinta bastante só neste caminho.

Ansioso por encarar certas pessoas e lhes mostrar que ainda estou vivo, actuante e de olhos bem abertos. Mas, apesar de tudo, não me sinto frustrado por não ser professor universitário nem qualquer sentimento de vendetta, o mundo tem muito mais para dar a pessoas como eu do que àqueles que sempre fizeram filosofia ou àqueles que nunca se desviaram da antropologia. Tenho as coisas do meu velhote para tratar, o património, lá, em Riachos, e, cá, em Lisboa, muita coisa para fazer quando acabar este maldito confinamento.

A pessoa que me estragou a vida, se ela está estragada, depende do ponto de vista, custa-me dizê-lo, está bem mais perto de mim do que eu possa imaginar. Foi a pessoa que me levou a sucessivos internamentos e confiou em outras pessoas que não em mim, ou nela própria, porra eu estva acabando de ser candidato Fulbright! E, depois, diz que eu me faço de vítima. Foi a pessoa que me sugeriu a pensão de invalidez e eu acatei. É aminha irmã, tão amiga quanto inimiga.

Mas encontrei outra, grandes inimigos que sempre me desconsideraram e eles estão a poucos quilómetros de mim, em salas, nesta cidade. Mas, tudo bem, ainda teria pelo menos um par de anos para continuar a lutar, não iria desistir facilmente, mesmo que tivesse fortes razões para isso, a saúde, a vida, até, porque havia interesses bem escuros por detrás dos meus inimigos...

166.

E assim se acaba esta obra, com a eminente
possibilidade de ir à Baixa fazer coisa nenhuma.